

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIEL KOTAKA DE ORTE

Relações de sociabilidade dentro das Forças Armadas Estadunidenses nos conflitos
do século XXI (2003 – 2010)

Curitiba, PR

2013

GABRIEL KOTAKA DE ORTE

RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE DENTRO DAS FORÇAS ARMADAS ESTADUNIDENSES NOS CONFLITOS DO SÉCULO XXI (2003 – 2010)

Monografia apresentada como Trabalho De Conclusão De Curso, no curso de História (Bacharelado e Licenciatura), do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes

Orientador: Prof. Dr. Dennison de Oliveira

Curitiba, PR

2013

Resumo:

*O trabalho que se segue se propõe a analisar, com base em depoimentos e relatos de guerra, as relações existentes entre o poder Institucional dos Oficiais Comissionados e o poder real dos Oficiais Não Comissionados trabalhando a relação dos dois com o pessoal alistado na Infantaria do U.S Army (O Exército Norte-Americano). Enquanto se tem como recorte temporal os recentes conflitos no Oriente Médio da primeira década do século XXI. Para realizar tal tarefa foram usadas duas fontes principais, sendo a primeira o relato do Staff Sergeant David Bellavia, que descreve em seu livro *House to House* suas ações na invasão de Fallujah, ocorrida no Iraque em 2004, se mantendo em mente que essa obra representa a visão de um Oficial Não Comissionado. Como base para entender o Oficial Comissionado, fiz uso dos relatos de Sean Parnell, na época um Second Lieutenant do ARMY, servindo no Afeganistão em 2006. Para compreender o contexto na qual esses eventos se inserem farei uso das obras de jornalistas que acompanharam de perto os conflitos, sendo o primeiro deles Jim Frederick e sua obra *Black Hearts*, que relata os eventos ocorridos no triângulo da morte no Iraque entre 2005 e 2006, e o segundo é Kevin Maurer no livro *Gentleman Bastards*, que vai descrever a trajetória de um grupo de infantaria no Afeganistão em 2010. Fazendo uso desses livros, em conjunto com mais relatos de guerra, fontes audiovisuais, tanto documentários, como gravações em ponto de vista de soldados em combate e usando como base metodológica o livro de Richard Holmes, *The Firing Line*, investiguei as relações existentes na infantaria do U.S Army. Essa pesquisa revelou que a autoridade exercida no campo de batalha, entre os oficiais comissionados, os seus subordinados e outros líderes se dá, principalmente, através da construção de laços de confiança e através de ações exemplares. Isso mostra que, a posição institucional dessas figuras de autoridade não traz consigo o poder necessário para a liderança, mas sim, uma função que deve ser exercida pelo líder em questão. Portanto, finalmente, trago para a academia através desse trabalho, uma perspectiva do universo pouco explorado, das relações de infantaria no baixo escalão nos conflitos do século XXI.*

Palavras Chave: Guerra do Iraque; Guerra do Afeganistão; Relações de Sociabilidade

Abstract:

The propose of the following work is to, based on war memoirs and reports, analyze the relationship between the institutional power of the Commissioned Officers and the real power of the Non-Commissioned Officers, on the same time working with the enlisted personal of the U.S Army. While having as the period the recent conflicts on Middle East during the first decade of the XXI century. To accomplish such work, there were two main sources: the first was the memoir of Staff sergeant David Bellavia written in his book House to House, that describes his actions during the invasion of Fallujah, occurred in Iraq in 2004, keeping in mind that work represents the sight of a Non-Commissioned Officer. As a base for understanding the Commissioned Officer side, I used the account of Sean Parnell, a Second Lieutenant of the U.S Army during the war in Afghanistan in 2006. To comprehend the context in which these events unfold, I made use of works of journalists that went along, up close, with the conflicts. The first of which called Jim Frederick and his work is Black Hearts, where he described the events occurred in the Triangle of Death, in Iraq in between the years of 2005 and 2006. The second is Kevin Maurer and his book Gentleman Bastards, which describes the trajectory of an elite infantry unit in Afghanistan in the year of 2010. Makin use of these books, with more war memoirs, audiovisual sources, such as documentaries and in the field record of soldier's perspectives, and using as base the methodology proposed in the book Firing Line of Richard Holmes, I investigated the relationships existing between the infantry of the U.S Army. This research revealed that the authority in the battlefield, exercised between Commissioned Officers, their subordinates and other leaders happens mainly through trust links built both parts, and by setting examples. That reveals to us that the institutional figure of authority has nothing to do with the power that the leader must use, but instead, it represents a duty that must be accomplished. Finally, through this work, I bring to the academy a perspective of a new and less explored universe of the infantry relationships in between the lower ranks during the conflicts of the XXI century.

Keywords: War in Iraq; War in Afghanistan; Military History

Lista de Abreviaturas e Siglas

AQI: Al-Qaeda in Iraq

CNN: Cable News Network

CO: Comissioned Officer.

EUA: Estados Unidos da América

FM: Field Manual

FTL: Fire Team Leader

IED: Improvised Explosive Device

ISAF: International Security Assistance Force

JSOC: Joint Special Operations Command

LT: Lieutenant

NCO: Non-Comissioned Officer

ODA: Order Detachment Alpha

ONU: Organização das Nações Unidas

OTAN: Organização do Tratado do Atlântico Norte

PSG: Platoon sergeant

ROTC: Reserve Officers' Training Corps

SEAL: Sea Air and Land

SF: Special Forces

SL: Squad leader

SOF: Special Operations Forces.

SSG: Staff Sergeant

U.S Army: United States Army

U.S Navy: United States Navy

USAF: United States Air Force

USMC: United States Marine Corporation

VBIED: Vehicle Born Improvised Explosive Devices

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 A NOVA HISTÓRIA MILITAR.....	11
3 OS CONFLITOS DO SÉCULO XXI.....	17
4 AS FORÇAS ARMADAS NORTE-AMERICANAS.....	29
5 DAS FONTES.....	38
6 RELAÇÕES DE AUTORIDADE.....	47
7 CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS.....	59
Referências Bibliográficas:.....	59
Referências Audiovisuais:.....	60

1 INTRODUÇÃO

11 de Setembro de 2001 foi uma data marcante para o início do século XXI. Os ataques contra as Torres Gêmeas na cidade de Nova York ditaram mudanças na política externa do país mais militarizado do mundo. A militarização dos EUA já não enfrentaria um exército organizado em batalhas de larga escala, uma guerra para qual foi planejada e feita para vencer, mas sim um novo modelo de guerra, uma guerra chamada não convencional, a guerra contra o terror.

A guerra contra o terror possui três frentes principais. A primeira é a caçada aos terroristas de ações internacionais em uma escala global, a qual exigiu ação de todos os países pertencentes à OTAN e empreendeu um grande esforço. As outras duas frentes são as ações militares organizadas que serão o foco dessa monografia: a guerra do Iraque e a Guerra do Afeganistão.

Sendo decorrentes da nova política externa americana, ambas as guerras possuem características que as diferenciam das demais. Aquinão são encarados grandes exércitos uniformizados que contrapõem as forças americanas em um campo de batalha, mas, sim, insurgências especializadas, treinadas e equipadas para combater em uma guerra de guerrilha interminável. Essas guerras de guerrilha travadas em ambos os países são um recorte local e temporal por si só e levantam grandes questões para a história militar.

Portanto, seguindo-se dos escritos propostos por Richard Holmes em *Firing Line* e S.L.A Marshall em *Homens ou Fogo?* é possível perceber o enorme leque de pesquisas que podem ser desenvolvidas sobre esse período. Suas pesquisas sobre as situações e problemas enfrentados pelos soldados foram executadas nos mais diversos recortes espaciais e temporais, mas suas metodologias não se limitam a esses períodos, pois podem ser aplicadas em uma pesquisa focada nas guerras contemporâneas. Mas qual fator decisivo deve ser estudado nesse aspecto?

Quando buscamos fontes para pesquisar os conflitos do Iraque e do Afeganistão, o primeiro problema enfrentado pelo pesquisador é a magnitude desses eventos. Se, escrevendo uma pesquisa em 2013, notamos que a guerra do Afeganistão já se estende por 12 anos e quando não existe perspectiva de fim nos próximos 2

anos, isso significa que os eventos ainda estão incompletos, portanto não seria possível escrever uma narrativa sobre a guerra como um todo, se o todo ainda não ocorreu. Em contrapartida, a guerra do Iraque já atingiu o seu fim em 2011, mas os 8 anos de guerra, caracterizados pelas constantes transformações de metodologias de combate a insurgências pelas forças da coalizão, também dificultam essa pesquisa.

Embora exista escassez de fontes nessa área, e uma grande quantidade de relatos jornalísticos espalhados sobre eventos individuais, existe uma série de fontes de grande valor para um trabalho como o proposto aqui. São livros de relatos de experiências dos soldados americanos. Aqui a literatura e a variedade é imensa, livros como *Generation Kill* de Even Wright, escritos por jornalistas que estiveram presentes na guerra se tornaram *Best Sellers* nos anos de sua publicação. Em conjunto com esses, obras como *House to House* de David Bellavia, são retratos fortes e impressionantes das experiências e pensamentos de soldados que viveram esses conflitos. Ainda que esses livros não exponham um panorama geral da guerra, eles revelam todo um universo de possibilidades de pesquisa dentro desse recorte.

Com a leitura desse gênero literário, de depoimentos de guerra, uma série de questões se revela. É constante o pesquisador se perguntar durante as leituras: Até que nível os combates ocultos afetam o psicológico dos soldados? Como eles reagem a sua volta a vida civil? Como o mundo globalizado contemporâneo contribui para o dia-a-dia desses soldados? Todas essas questões podem ser respondidas com pesquisas relacionadas, mas essa monografia se propõe a pesquisar um aspecto especial da relação da infantaria na militar americana inserido no conflito, vejamos como.

Em todos os conflitos que envolvem a participação de exércitos e cadeias de comando na história, uma questão é permanente: de que maneira os líderes militares convencem jovens em idade de trabalho, com futuros e vidas pela frente, a combater e arriscar suas vidas dentro dos combates? A bibliografia que trabalha esse assunto mostra que legitimações que levam os jovens à guerra nem sempre os movem na frente de batalha, para matar ou morrer por motivos bem distantes de suas realidades. Portanto, pergunto, de que maneira isso ocorre?

Durante as leituras, foi possível perceber que no século XXI os soldados são impulsionados por sua relação com seus superiores. Relação essa que não depende

somente de um cargo institucional proposto pelo exército, mas de uma relação pessoal entre os líderes e seus subordinados, a qual pende fracamente em uma força de autoridade e um sentimento de pertencimento a um grupo, o qual deve proteger.

Portanto, para se compreender essas guerras, de tamanha magnitude e poder tecnológico, é necessário que se adentre nos problemas das camadas mais baixas da hierarquia da infantaria. Que se deixe de lado os grandes satélites de espionagem ou bombas aéreas de precisão, que se observe como aqueles que vivem o dia a dia, enfrentando as adversidades do ambiente e de um inimigo perigoso, reagem a esses eventos. Mas principalmente devemos observar como os líderes, que enfrentam as mesmas características, mantêm a sua relação de autoridade com seus subordinados, se levados ou não, para o combate, não por causa da economia mundial, ou das ideologias, mas por travarem uma guerra pessoal contra seus inimigos.

2 A NOVA HISTÓRIA MILITAR

Quando propomos uma pesquisa com um recorte temporal e um foco especificamente voltados para guerra, uma série de questões de ordem metodológica aparecem. Neste capítulo contemplo a metodologia de pesquisa utilizada para desenvolver este estudo, citando principalmente os autores Richard Holmes e S.L.A Marshall, ambos essenciais para o estudo da história militar a partir do século XX.

Antes de analisar separadamente os dois autores, gostaria aqui de propor uma observação sobre história militar. Quando pensamos nessa área de estudo da história, é muito comum se utilizar de uma interpretação clássica de história, baseada em grandes batalhas e grandes acontecimentos. Ao observamos a guerras sob esses parâmetros, é comum depararmos com ideias que simplificam toda a complexidade do evento.

As duas formas mais comuns dessa análisesão a valorização da guerra como um combate entre grandes generais, como se as guerras fossem completamente travadas entre esses indivíduos; e a mais presente na contemporaneidade a imagem de que a guerraé simplesmente um evento terrível, resultado de uma série de falhas na diplomacia entre os países. Observemos queessa afirmação é em parte verdadeira. De fato a guerra pode ser julgada como horrível, mas, como Richard Holmes propõe, isso não deve nos impedir de estudá-la, e, sim, no mínimo nos compelir a examinar suas especificidades.

Essas interpretações podem ser justificadas pela falta de fontes em períodos da antiguidade, mas essa análise superficial se mantém até os conflitos do século XX.

É conhecido que a guerra é um evento complexo e repleto de relações políticas, construções de alteridade, relações pessoais - institucionais ou autoritárias - e é composta por diversas instituições que, movimentando um grande número de pessoas, vivem em função disso.

Verificando que a guerra afeta as pessoas em níveis extremos, seja pela fome, doenças ou pela morte, e que não existem guerras em que esses fatores não sejam recorrentes, um ramo de historiadores procura estudar essas complexidades

fazendo o uso da guerra mais como um recorte de ambiente/tempo para estudar as sociedades envolvidas do que apenas alinhar os eventos ocorridos dentro da mesma.

Como base de metodologia fiz uso principalmente do livro *Firing Line* de Richard Holmes. Sua proposta de trabalho para a história militar foi essencial para a estrutura do trabalho.

Holmes defende que a complexidade da guerra deve ser estudada e que deve-se evitar tanto a aproximação de sua valorização quanto sua discriminação. Um dos principais problemas destacados por Holmes é que a complexidade e os terrores dos conflitos são distantes demais para que qualquer observador externo possa os compreender:

Nevertheless, the historian without professional experience of war has to overcome a stop in the mind if he is to write valuably about it. Even if he does this, he will have to contend with those that lack of personal experience is disqualification per se. (HOLMES, 1994, p. 08)¹

Holmes defende ainda que as inquietações para se trabalhar com a Guerra não param aqui. Simplesmente achar as palavras para descrever os acontecimentos já é um dilema, tanto para o historiador, quanto para os autores das fontes.

É recorrente que não se encontrem imagens ou palavras para descrever o quão terrível é o evento, de maneira que o uso de expressões genéricas é amplamente utilizado, sem no entanto aproximarem-se do objetivo.

Apesar desses fatores, é visível e necessário um trabalho nessa área. Segundo Holmes, algumas outras áreas do conhecimento, tais como psicologia, engenharia e estratégia militar, são importantes para realizar em nível aceitável pesquisas sobre este assunto. Isso não deve manter o interessado distante da pesquisa, pois a história militar é uma área grande do conhecimento, e a procura pelo esclarecimento desses eventos é justificada pela sua importância e pelo impacto causados pela guerra nas transformações do mundo e nos indivíduos que nele habitam. Com isso em mente, devemos salientar a metodologia de pesquisa de Richard Holmes, a começar pelo seu recorte temporal.

¹ HOLMES, Richard. **Firing Line**. London: Pimlico, 1994. p. 08. Tradução livre do autor: “Ainda assim, o historiador sem experiência profissional da guerra, deve superar um bloqueio na mente se ele deseja escrever algo de valor sobre isso. E, mesmo que ele faça isso, terá de se contentar com o fato de que a falta de experiência pessoal é uma desqualificação por si.”

O autor remete-se a batalhas de períodos mais antigos, como eventos das guerras napoleônicas - com relatos da batalha de Waterloo - trabalhando amplamente com a Grande Guerra e a Segunda Guerra Mundial, trazendo problemáticas referentes à guerra do Vietnã, ações da legião estrangeira na África e abrindo seu recorte até o conflito mais recente em sua pesquisa, que foi a guerra das Malvinas - entre o Reino Unido e a Argentina.

Holmes tem como objetivo, salientar a grande diversidade de áreas de pesquisa existentes dentro do universo da Guerra. Seus assuntos abrangem: problemas psicológicos enfrentados pelos soldados dentro de um campo de batalha; as relações pessoais e construções de identidade; à dor e o sofrimento; às visões da guerra; os conflitos de interesse; destruição da integridade mental dos soldados, assim como suas tentativas de evitar essa destruição, através do uso do álcool e consumo de drogas; e as relações de liderança dentro dos exércitos.

Dentro dos conflitos analisados, Holmes apresenta problemáticas pertinentes ao tema e as desenvolve. Para tanto, faz uso de toda e qualquer documentação ou relato de combate a seu alcance. Suas fontes variam entre livros de relatos, relatórios e cartas pessoais dos soldados, sempre buscando respostas dentro dos diversos recortes espaciais e temporais inseridos em um mesmo capítulo. É comum observar Holmes fazendo uso de descrições de trincheiras aliadas e alemãs na Primeira Guerra Mundial, para tecer marcos históricos comparativos entre suas fontes.

Em conjunto com Richard Holmes precisamos chamar atenção para o livro *Homens Ou Fogo?* de S.L.A Marshall, pela sua importância no estudo dos combates de infantaria durante a Segunda Guerra Mundial. Fator importante quando observamos que essa pesquisa também é focada na infantaria.

Marshall é sem dúvida de grande relevância por ser um dos autores mais citados dessa área de pesquisa. Sua função dentro da Segunda Guerra² garantiu seu acesso a uma grande quantidade de depoimentos. Suas fontes incluem relatos de soldados que participaram de diversos cenários das campanhas americana durante a Segunda Guerra Mundial.

² S.L.A Marshall ocupou a posição de historiador de combate oficial do *Army* durante a Segunda Guerra Mundial, fato que garantiu acesso a uma grande quantidade de documentos.

Sua base de dados é inquestionável, e a sua experiência como militar implica em uma descrição completamente voltada à funcionalidade de seu livro, devemos deixar aqui bem claro que *Homens ou Fogo?* é uma obra completamente voltada para criticar e readaptar alguns métodos da infantaria norte americana para o período do pós guerra.

A obra de Marshall é largamente questionada pela historiografia devido as suposições de ordem técnica, já que algumas não são confirmadas em grande parte das fontes. Suas descrições sobre a maneira como as relações de liderança devem acontecer no interior do exército são importantes para a situação atual do *Army*. Igualmente importante é a sua análise sobre a comunicação direta entre a central de comando e seus subordinados. Mesmo Holmes critica alguns expostos por Marshall, principalmente pela maneira geral como o autor encara alguns aspectos específicos da guerra.

É notável que os autores trabalhados escreveram seus livros com uma grande diferença temporal dos assuntos trabalhados por essa pesquisa, porém as suas problemáticas e metodologia são aplicáveis a qualquer período de conflito. A maior parte dos problemas relacionados a guerra são recorrentes, as diferenças estão nas respostas a esses problemas ou na formulação das problemáticas. Para questões próprias ao século XXI, é possível fazer uso de outra bibliografia referente ao tema.

Livros de jornalistas como *Black Hearts* de Jim Frederick ou *Gentleman Bastards* de Kevin Maurer são parte de uma importante base para o estudo dos conflitos contemporâneos. O distanciamento de autores como Frederick propõe uma metodologia investigativa, e, portanto não inclui unicamente uma descrição dos fatos.

Frederick procura em *Black Hearts* descrever o que ele chama de *One Platoon's Descent into Madness in Iraq's Triangle of Death*, problemática presente no subtítulo do livro. Para tanto ele junta os depoimentos de um grande número de soldados participantes dos eventos com os laudos médicos dos psicólogos militares envolvidos no caso. Tudo isso com o objetivo de explicar o processo que levaria um grupo de jovens, em idade funcional e relativa saúde mental a chegar a ponto crítico de estuprar e assassinar uma família de inocentes. Grande parte da obra de Frederick se dedica a descrever eventos traumáticos do dia-a-dia desses soldados, as fa-

lhas de lideranças e a desumanização do inimigo, a qual, nesse caso, é refletida na população iraquiana como um todo, devido a características da guerra de insurgência do Iraque.

A metodologia de Frederick não é a de um trabalho acadêmico, ele faz uma narrativa ininterrupta, e não é comum o uso de citações que levem o leitor a diferenciar as palavras que o autor coloca nos personagens do conflito com as da fonte descrita pelos mesmos nas entrevistas. Portanto, se torna difícil saber até que ponto as conversas descritas pelo autor realmente aconteceram daquela maneira. Isso não muda o fato de que sua descrição sobre os eventos traumáticos enfrentados por esses jovens é extremamente relevante para a compreensão do estresse da guerra.

Em conjunto com essas obras, quando tratamos de século XXI, não podemos deixar de lado o uso de audiovisual tanto como fonte, quanto como material de base, pois esse período é repleto de ambos. O material que será utilizado como fonte será citado no capítulo IV. Aqui é importante que se faça um destaque à maneira como os documentários sobre o assunto descrevem os acontecimentos.

Existe um amplo acervo de documentários que trata ambas as guerras, a do Iraque e a do Afeganistão. É comum que eles tratem ambas com características semelhantes ou trabalhem com acontecimentos muito específicos. A exemplo disso, temos o documentário *Restrepo* (2010), que narra eventos do cotidiano de soldados americanos no Afeganistão. Devido a características intrínsecas à criação de um documentário sobre a guerra, é claro que ele fica limitado à visão de uma unidade específica e as informações contidas nele não representam o todo da guerra, e sim uma parcela mínima, mas de inquestionável importância.

Em contraste com *Restrepo* (2010), temos o *Never-Ending War in Afghanistan* (2013), que procura assumir uma postura contrária e descrever todos os eventos que compõem essa guerra. Ainda assim ele acaba por se focar nas unidades inglesas que participam do conflito.

O que é interessante sobre os dois quando colocados em comparação é que os documentários que procuram descrever grandes parcelas de acontecimentos da guerra recorrem a depoimentos de generais, diplomatas e secretários, muitas vezes mais envolvidos com assuntos muito distantes do campo de batalha para que suas

informações sejam aproveitadas em uma pesquisa sobre o ambiente da infantaria, no entanto eles nos provêm com informação contextual sobre esses conflitos.

Por fim, podemos observar que para estudar história militar é possível não se limitar unicamente ao estudo dos grandes generais, estratégias ou batalhas, mas que seguindo o exemplo de Holmes e Marshall, se estude as complexidades propostas pelo campo de batalha. Assim como se proponha problemáticas novas, que se adequem ao ambiente contemporâneo, mas que se mantenham vinculadas as propostas metodológicas do estudo da história militar.

Com isso em mente, notamos que é necessário que se busque material bibliográfico nas mais diversas fontes, não é possível se prender apenas à produção historiográfica sobre o período, pois essa é limitada. O uso do material de jornalistas tanto no audiovisual como em *Restrepo*(2010) ou *Never-Ending War in Afghanistan*(2013), como seus livros, *Black Hearts* ou *Gentleman Bastards* respectivamente de Jim Frederick e Kevin Maurer, é essencial para a compreensão do contexto e para a formulação de problemáticas pertinentes ao período estudado.

3 OS CONFLITOS DO SÉCULO XXI

Antes mesmo de trabalhar a organização das forças armadas americanas, é de suma importância esclarecer uma contextualização, mesmo que breve e geral, sobre os conflitos que serão amplamente trabalhados e discutidos aqui. É nítido que ambos os conflitos, no Iraque e no Afeganistão, são decorrentes de fatores externos e internos dos Estados Unidos. Muitas especulações existem sobre os fatores que levaram esse país às guerras no Oriente Médio. Meu desejo aqui não é o de trabalhar especificamente esses parâmetros, mas sim de trazer ao leitor um panorama geral sobre os motivos oficiais, os locais de operação e principalmente as características que definem a chamada *Unconventional Warfare* (Guerra Não-Convencional) que as tropas americanas travam na atualidade.

Quando observamos o século XXI, ou, mais especificamente os conflitos que envolvem as forças armadas dos EUA na primeira década do mesmo, podemos definir uma baliza temporal nítida que marca o início desse período: o ataque terrorista às Torres Gêmeas na cidade de Nova York, em 11 de Setembro de 2001.

Esse acontecimento não foi o primeiro ataque terrorista dentro de um período de 10 anos, mas ele trouxe à tona um inimigo novo para as tropas americanas e movimentou os interesses nacionais trazendo toda a atenção da mídia americana à chamada “Guerra ao Terror”. Mesmo não tendo sido o primeiro, muito menos o último ataque terrorista contra países da OTAN, a morte de 2.752 pessoas, segundo os dados da CNN em 2003³, com certeza causou comoção no mundo ocidental. A presença forte do evento na mídia é visível em cada aniversário do mesmo até a data de hoje.

A reação das tropas americanas, apoiadas pela opinião pública e o posicionamento do governo *Bush*, ao pronunciamento da *Al-Qaeda* apontava nitidamente para uma resposta em peso de tropas da Coalisção e de uma vingança para parte dos afetados.

³ HIRSCHKORN, Phil. New York reduces 9/11 death toll by 40 Dados. **CNN New York Bureau**, New York, 29 out. 2003. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2003/US/Northeast/10/29/wtc.deaths/> Acesso em: 15/10/13

As fontes indicam que existia uma grande expectativa com relação à invasão do Afeganistão, assim como um desejo de retaliação por parte dos soldados de vários níveis da hierarquia americana. O atual Coronel *Darron L. Wright* deixa clara a sua indignação no momento do ocorrido dizendo: “*What the fuck? Over, I said to myself. I was in total shock.*”⁴(WRIGHT, 2012 p. 25). Não são necessárias quantidades de citações sobre a reação dos militares americanos ao evento, pois a sua repercussão foi imediatamente propagada pela mídia. É relevante apenas manter em mente que, assim como os militares que já se encontravam em serviço no período se viram em uma situação complicada e que o desejo de reação tenha sido comum, houve um grande número de alistamento de civis que seguiam o mesmo ideal nesse período. Portanto se alistavam nos vários ramos das Forças Armadas Norte Americanas em busca de vingança. Esse dado se mostra nítido com as entrevistas de Dick Couch em *The Chosen Soldier*, em que ele pergunta os motivos do alistamento de diversos candidatos ao curso de preparação da *Special Forces*, e a grande maioria das respostas apresenta essa expectativa de retaliação pelos eventos de Nova York.

A reação das forças da Coalisão contra os ataques em 11 de Setembro foi imediata. Logo após o pronunciamento da Al-Qaeda e a identificação dos culpados, uma campanha de busca pelos responsáveis começou.

O primeiro contato se deu no Afeganistão e foi caracterizado pelo pouco uso de força pela coalizão. Segundo o documentário: *Never-Ending War in Afghanistan*(2013), o plano original consistia da utilização de bombardeios estratégicos auxiliados por forças especiais atuando em solo afegão. O objetivo era encontrar os líderes da Al-Qaeda e das organizações terroristas, as quais estavam estacionárias no Afeganistão, por ser um local seguro para as suas operações. A estratégia de intervenção leve por parte das tropas da coalisão se estende de 2001 até 2003, quando a invasão do Iraque muda a perspectiva das tropas da OTAN.

O impacto da invasão do Iraque na guerra corrente no Afeganistão é nítido. As poucas tropas das forças especiais americanas estacionárias no país não deram conta de patrulhar as fronteiras e muito menos de encontrar os seus alvos, por-

⁴ COL. WRIGHT, Darron. **Iraq Full Circle: From Shock and Awe to the Last Combat Patrol in Baghdad and Beyond.** Great Britain: Osprey Publishing, 2012. p.25 Tradução livre do autor: “O que foi isso? Acabou, Eu disse a mim mesmo. Eu estava totalmente chocado”

tanto as portas estavam abertas para a fuga dos culpados dos ataques terroristas para os territórios tribais na fronteira Paquistão-Afeganistão. É nesse momento que, segundo os especialistas entrevistados no documentário, a coalisção perdeu o momento da guerra, e, a partir de então, não seria possível acabar com a mesma, em tempo hábil, apenas com a ajuda da tecnologia.

É interessante notar aqui que nesse momento a presença de tropas ocidentais em território afegão causou disputas políticas e reavivou novos adversários para essas tropas. O mais importante desses sendo o antigo aliado dos norte-americanos, o movimento Talibã, que antes controlava o país, mas agora se encontra em uma disputa de poder com a OTAN.

Após 2003 a ISAF, ou *International Security Assistance Force*, começa a ser controlada pela OTAN, e uma nova estratégia de guerra se inicia. Ocorre uma intensificação na quantidade de tropas ocidentais posicionadas no conflito, passando de apenas algumas centenas de forças especiais, para milhares de soldados de 42 países diferentes, cujo objetivo era reconstruir o país. A partir de então a guerra se intensifica, caracterizada pela guerrilha, os inimigos da Coalisção não se restringem somente ao movimento Talibã ou à Al-Qaeda, mas também aos cartéis de drogas locais e à população que sente ameaçada pela presença de tropas ocidentais no local.

Essa perspectiva se mantém até a atualidade (2013), mudando apenas no aumento das tropas americanas em território afegão durante o governo Obama. É nítido que os países da OTAN envolvidos não pretendem deixar o país sem causar um mínimo de transformação. Segundo o documentário o pronunciamento oficial dos líderes dos Estados Unidos e da Grã Bretanha é que a remoção das tropas só irá acontecer em 2015, caso seja possível declarar uma vitória parcial, e espera-se que os afegãos possam continuar a reconstrução do país por conta própria a partir de então.

Fica claro que a guerra do Afeganistão não verá um fim até pelo menos os próximos 2 anos. Mas agora devemos observar o contexto que envolve um conflito de maior proporções e menos duração que acontece simultaneamente à guerra do Afeganistão, que é a Invasão e Ocupação do Iraque pelas tropas da Coalisção.

Após 11 de Setembro outro inimigo dos EUA volta a estar presente na mídia. Saddam Hussein retoma ameaças de ataque com armas de destruição em massa, voltando a atenção da política externa norte-americana ao Iraque. O Coronel Wright descreve as preocupações do estado maior americano e as negociações quanto à invasão.⁵É claro que as versões oficiais quanto a rejeição a inspeção de armas, por parte do governo Hussein, que barrava os especialistas da ONU, ou as ameaças do uso de armas de destruição em massa possam ser contrapostas, e existe uma corrente de pensamento que apoia outros motivos para a invasão. Mas nesse trabalho a questão em foco é a falha dessas negociações, a qual levou a invasão em massa de território iraquiano por tropas da Coalisção, resultando em um dos maiores ataques conjuntos e blindados da história.

A invasão do Iraque é caracterizada por uma ação conjunta de tropas da OTAN- incluindo a Inglaterra, o Canadá e a Austrália - com tropas dos ramos *Navy*, *U.S Army* e *Marines*, da armada americana. Uma operação de três semanas que só poderia ser resultado do uso de ampla tecnologia de transportes e comunicação entre as tropas.

Como resultado da invasão do Iraque, que começou em 20 de Março de 2003 e terminou com a declaração prematura de vitória por parte dos americanos, os EUA adentraram um conflito de insurgências desafiador até mesmo para o seu poderio militar. O Coronel Wright e Jim Fredrick concordam que a parte mais difícil da guerra se iniciava e que a escolha por declarar a vitória e o fim da guerra apenas caracterizava o princípio da mesma. Hoje sabemos que a remoção completa das tropas só acabou em 2011, e o período da ocupação foi responsável pela grande maioria das baixas da guerra, e é o período foco dessa pesquisa.

É interessante ressaltar aqui, que a Guerra do Iraque pode ser dividida eficientemente em três momentos, em primeiro lugar existe o período da invasão, em que o otimismo era uma constante, tanto entre as tropas americanas, quanto nos habitantes do Iraque desse período. Os efeitos da guerra assolaram o país, mas os autores analisados indicam que havia uma espera de melhoras por parte da popula-

⁵COL. WRIGHT, Darron. **Iraq Full Circle**: From Shock and Awe to the Last Combat Patrol in Baghdad and Beyond. Great Britain: Osprey Publishing, 2012. p.29. Descreve como os desafios de Saddam Hussein, contra as comitativas de inspeção de armas da ONU, mantinham o estado maior do *Army* preparando planos para a invasão do Iraque.

ção, e, por ter sido um período de guerra convencional, a invasão reflete situações normais de conflito entre duas forças.

No segundo momento, o período que dá sequência à invasão, a má organização e planejamento para a ocupação começaram a revelar as características que estarão presentes na sequência. Durante as primeiras semanas que sucederam a ocupação de Bagdá, as tropas foram ordenadas a não agir durante as noites e baixíssimos recursos foram distribuídos para a reconstrução do país. Como resultado da destruição dos poderes locais e a baixa intervenção das tropas da coalisão, a violência tomou conta das ruas do Iraque, gangues saquearam e pilharam as cidades. A postura negligente das tropas de ocupação acabara com o otimismo dos iraquianos, e, quando finalmente uma estratégia de ocupação foi formada, grupos insurgentes haviam se fortalecido, criando uma ameaça bem embasada e difícil de se combater.

É nítida a confusão entre as tropas de ocupação durante essa segunda fase da guerra, pois, mesmo quando as ações começaram a ser tomadas em prol da reconstrução do país, as tropas da Coalisão não possuíam manuais sobre combate contra insurgências e de guerras não convencionais que ajudassem nessa luta. O que significa que todas as tecnologias e o estilo de combate dos países envolvidos não tinham eficiência alguma na solução dos problemas do Iraque ocupado. Essa posição de ineficiência vai ocupar um grande período da guerra, muitas estratégias diferentes foram colocadas em prática na tentativa de solucionar esse problema.

Eventualmente uma estratégia de investimento e pagamento direto dos americanos para que os próprios iraquianos mantivessem postos de controle por todo o país diminuiu a violência. Com isso a terceira fase da guerra entrou em questão, as tropas da coalisão começaram a servir de professores e mentores em lugar de agir por conta própria.

Essa última estratégia ajudou na remoção das tropas da coalisão de território iraquiano, permitindo uma remoção sem ser considerada uma derrota completa, apesar de ter sido amplamente criticada pelos estrategistas. Segundo Jim Fredrick⁶,

⁶ FREDERICK, Jim. **Black Hearts: One Platoon's Descent into Madness in Iraq's Triangle of Death.** New York: Harmony Books, 2010. No último capítulo de sua obra, intitulado "*The Triangle of Death Today and Trials at Home*", Frederick descreve o método que seria conhecido como "*Sons of Iraq*" de remuneração de iraquianos direto da folha de pagamento do governo americano. Em seu pico o pro-

essa estratégia era basicamente um exercício de se pagar aos inimigos para que os mesmos não lutem.

A remoção das tropas então se seguiu como planejado pelo governo de Barack Obama até 2011, deixando o Iraque em uma situação ruim, porém sem significar uma derrota desastrosa para as tropas da coalisão. Existem alguns pontos chave em que o conflito contra os insurgentes tomou maior força. Sobre eles, trabalharei neste capítulo dois em especial: o conhecido “Triângulo da Morte” e a batalha de Fallujah, dois momentos importantíssimos para a compreensão da guerra do Iraque como um todo.

Com a queda do regime de Saddam Hussein alguns redutos permaneceram com pouca ocupação das tropas da coalisão, um dos principais desses é a cidade das mesquitas, Fallujah.

Situada a 70km, aproximadamente uma hora, de Bagdad, Fallujah possuía de 200.000 a 350.000 habitantes e mais de 200 mesquitas. Devido a essa enorme concentração de mesquitas, foi o principal reduto para Jihads– indivíduos motivados pelos ideais de guerra santa que aderiram à luta contra as tropas da Coalisão – atraídos de todas as regiões do Oriente Médio, que buscavam retaliação contra as ações dos americanos e seus aliados na guerra do Iraque.

É chave para essa parte do conflito a existência de uma grande concentração de insurgentes altamente preparados, motivados e fortificados na cidade, os quais tiveram tempo o suficiente para evacuar a cidade dos seus habitantes e prepará-la como uma fortaleza de armadilhas e barricadas que objetivava combater as tropas norte-americanas em uma situação de guerrilha, acabando com a vantagem tecnológica de seus adversários. A literatura sobre a batalha de Fallujah é crescente, e nela está incluída uma das principais fontes utilizadas nessa pesquisa, o livro *House to House*, do SSG. *David Bellavia*, que descreve com detalhes a participação do autor na batalha.

As fontes deixam claro que a batalha foi incrivelmente difícil para os dois lados, principalmente pelo seu caráter excepcional de combate urbano e pela tensão constante gerada pela grande quantidade de armadilhas espalhadas pela cidade.

grama chegou a ter mais de cem mil iraquianos filiados, e reduziu drasticamente a violência nas regiões afetadas.

Quando mantemos em mente o contexto dos dois conflitos, devemos começar a adentrar a complexidade das características das insurgências em ambos os países e observar como esse estilo de guerra se desenvolve, para enfim compreender as relações entre os soldados de infantaria nesse contexto. Com um panorama geral estabelecido, podemos começar a analisar as insurgências mais especificamente, o próprio termo de insurgência.

O termo insurgente se refere às populações civis que fazem uso de táticas de guerrilha para combater uma força militar estabelecida, e também o termo insurgente, ou *insurgenté* utilizado unicamente para descrever os grupos inimigos dos interesses norte-americanos, isso significa que qualquer população que faça uso de táticas de guerrilha em função de um objetivo que esteja em conjunto com a intenção dos EUA será chamada por outros termos, tais como *Guerrilhas* ou *Freedom Fighters*. Essa terminologia é interessante, pois grupos de guerrilha organizados, tais como o movimento Talibã, podem ser tratados de maneiras distintas em diferentes períodos do século XX, sendo esse movimento o melhor exemplo disso.

Com o conceito de insurgente em mente, devemos observar a metodologia de combate de guerrilha desses grupos, a começar pelo instrumento mais popular das insurgências de ambos os conflitos, os conhecidos e temidos *IEDs*.

O *IED*, ou *Improvised Explosive Device* (dispositivo explosivo improvisado) é descrito pelas fontes como qualquer quantidade de explosivo, colocado em uma posição estratégica e detonado remotamente, com o objetivo de incapacitar ou matar as tropas inimigas. Essa descrição é abrangente, mas as formas e tamanhos dos *IEDs*, assim como os seus dispositivos de detonação variam grandemente, desde simples garrafas de água ou painéis preenchidas com explosivos e colocadas à beira de estradas camufladas de dejetos, até os extremamente complexos *VBIEDs* (*Vehicle Born Improvised Explosive Devices*), os famosos “carros-bombas”, que exigem um grande nível de preparação, e muitas vezes um motorista que o opera de maneira suicida, para atacar diretamente as bases da coalisão.

Em conjunto com os *IEDs*, as insurgências usam táticas de guerrilhas comuns desde a independência americana, como a execução de emboscadas, ataques planejados ou sabotagem de equipamentos. Muitas vezes essas táticas são utilizadas diretamente em conjunto com os *IEDs*, com o objetivo de maximizar a efi-

ciência de ambos, *Jim Fredrick* descreve, em seu livro *Black Hearts*, diversas ocasiões⁷ em que uma patrulha americana é emboscada por um *IED*, e, em meio à confusão do momento da explosão, eles são surpreendidos por fogo direto inimigo.

As fontes e a bibliografia deixam claro que o estilo de insurgência e combate de guerrilha é muito semelhante nos dois locais de ação, porém, as diferenças principais se encontram nos praticantes dessas atividades e no terreno onde os contatos ocorrem. Para analisar essas diferenças, devemos entender que, em primeiro lugar, ambas as organizações insurgentes principais, o movimento Mujahdeen e a AQI (Al-Qaeda in Iraq), no Iraque, e o movimento Talibã no Afeganistão, possuem métodos de treinamento, níveis de organização e principalmente lideranças diferentes, portanto, é importante manter em mente que as insurgências não possuem uma organização geral mas sim um inimigo em comum.

O movimento Talibã é referido como mais bem treinado de todos, eles combatem com ciclos sazonais, evitando combates durante o inverno. Esse fator é relevante, pois é nesse período que os soldados Talibãs se refugiam no Paquistão para serem rearmados, treinados e terem suas baixas repostas. Em contraste, aos movimentos organizados no Iraque que não possuem uma área de refúgio, significando que o conflito era constante na região.

Outro fator importante das insurgências nas duas regiões, é a presença de grupos hostis que não possuem nenhum caráter ideológico ou organização central. No documentário *Never-Ending War in Afghanistan*, os soldados ingleses falam da luta constante contra insurgências bem armadas e equipadas, compostas basicamente por traficantes de drogas locais, descontentes com a presença de estrangeiros na região. Apesar de o documentário se referir unicamente ao Afeganistão, o livro *Black Hearts* fala sobre as insurgências no Iraque, e como no documentário *No End in Sight* ele salienta a insatisfação da população local com a presença dos americanos, gerada principalmente pela carência exagerada de necessidades básicas da população. Problema esse que as tropas da Coalisção haviam prometido resolver.

A reação de insatisfação e combate direto da população do Iraque com os soldados americanos fica nítida na obra de *Jim Frederick*. Eventos como o ataque

⁷ FREDERICK, Jim. **Black Hearts: One Platoon's Descent into Madness in Iraq's Triangle of Death.** New York: Harmony Books, 2010. p. 97 – 102. Jim Frederick descreve as ações de uma patrulha americana emboscada após ter contato com a explosão de um dispositivo improvisado.

de um pedestre contra um posto de controle americano, resultando na morte de dois soldados e na do próprio atirador⁸, não são incomuns, e refletem exatamente essa revolta da população local.

Finalmente, é importante ressaltar que, as diferenças geográficas, culturais e climáticas são essenciais para compreensão dos problemas enfrentados pela infantaria americana.

Antes de mais nada, devemos considerar que o Iraque ocupa a região da antiga Babilônia, possui regiões férteis, mas é majoritariamente árido e plano. A região foco dos conflitos durante a ocupação do Iraque, conhecida como o triângulo da morte, fica ao Sul de Bagdad, e é compreendida por 3 cidades principais, Mahmoudiyah, Yusufiyah e Latifiyah, e amplamente irrigada por grandes canais. Como esses canais são recorrentemente situados à beira de estradas, a movimentação fora das mesmas é restrita. Esses fatores são de extrema importância quando analisamos os combates nessa região, uma vez que as patrulhas americanas são fortemente motorizadas, significa que o trânsito é completamente focado nas estradas, proporcionando aos insurgentes alvos fáceis dos comboios da coalisão, e em segundo lugar, as estradas são em sua maioria de terra, facilitando a confecção e esconderijo de IEDs de tamanhos excepcionais, que podem ser detonados com extrema precisão. Isso significa que o uso de explosivos foi muito amplo no Iraque ocupado, as fontes se referem a quantidade mínima de ao menos uma detonação por patrulha.

Outro fator relevante é a presença de cidades densas e bem construídas na região, essas proporcionam aos combates no Iraque uma característica de combate urbano incomum, que já não será encontrado no Afeganistão, uma guerra muito mais focada ao ambiente externo.

Quando nos referimos ao Afeganistão, devemos ter em mente que esse país é formado por grandes variações morfológicas por toda a sua extensão, e que as tropas da coalisão ocupam regiões diferentes do mesmo e enfrentam problemas relacionados com os climas de cada região. Embora o país varie de uma região desér-

⁸ FREDERICK, Jim. **Black Hearts: One Platoon's Descent into Madness in Iraq's Triangle of Death.** New York: Harmony Books, 2010. p. 137 – 143. O evento que causou a morte de Nelson, Casica e do atirador desconhecido é um grande exemplo do estresse constante enfrentado pelos soldados no Iraque.

tica na fronteira oeste, até um clima de montanhas na fronteira leste com o Paquistão, o nosso foco principal é exatamente essa última região, pois uma das principais fontes utilizadas, o livro *Outlaw Platoon* de Sean Parnell, é um descritivo de eventos ocorridos exatamente nessa fronteira.

Tendo este aspecto esclarecido, podemos observar que a fronteira Paquistão-Afganistão, é, no lado nordeste, uma região montanhosa e rochosa, tornando-a assim, um terreno extremamente difícil de ser trafegado e monitorado. Grandes linhas de colinas impedem a visão de longas distâncias, assim como a movimentação de comboios fora das estradas, e um fator essencial é a grande quantidade de cavernas existentes nessa região e que permitem abrigo e trânsito para os grupos insurgentes que atuam na área. Esses fatores associados a qualidade do treino e do material utilizado pelos insurgentes os tornam um inimigo capacitado para combater as forças da Coalisão, isso se torna nítido nas descrições de Sean Parnell, que mantém em alta estima a boa utilização do terreno pelas forças Talibãs.

O último, mas não menos importante, ponto a ser trabalhado a respeito dos conflitos do século XXI, é a desconstrução de algumas imagens gerais estabelecidas sobre esses conflitos. Assunto esse que merecia uma monografia inteira sobre ele, mas acredito ser importante por ora, trabalhar brevemente alguns pontos relevantes, principalmente no que se refere ao uso da tecnologia pelas forças Norte-Americanas.

Antes de tudo, devemos ter em mente que, como toda tecnologia de última geração, os equipamentos inovadores empregados pelas tropas americanas em ambas as guerras estavam suscetíveis a falhas técnicas e a erros de projeto, e mais que isso, a grande maioria das inovações apresentadas pela mídia como revolucionárias e precisas, por possuírem equipamentos eletrônicos e computadores, como as bombas de precisão, estão susceptíveis a erros humanos assim como a designação dos alvos sempre será, inevitavelmente ordenada por um ser humano. Quando olhamos por esse aspecto, fica nítido que, é possível fazer uso de uma grande quantidade de explosivos descarregada por um avião de última geração, capaz de atingir precisamente uma casa, sem danificar as outras da mesma quadra. No entanto, como pudemos observar, as insurgências são compostas por civis, e elas não só se utilizam desse status para se camuflar em meio a população, mas efetivamente fazem parte da mesma, o que nos deixa com o questionamento recorrente dos solda-

dos: como distinguir os alvos em meio a população? A resposta é inevitavelmente - é impossível-, portanto o uso desse poder destrutivo é praticamente nulo, se restringindo apenas a ocasiões especiais, mesmo assim sujeito a falhas.

Outro fator relevante do uso da tecnologia nos combates atuais, notadamente quando observamos o conflito de infantaria, é o uso das *Night-Visions*, os dispositivos de visão noturna, que permitem o incursões em situações de baixa visibilidade. São constantes nos livros *Generation Kill*, *House to House* e *One Bullet Away*, as referências ao combate constante (diurno e noturno) durante o processo da invasão do Iraque e em *Fallujah*. Não é novidade que a abstinência de sono é um sintoma comum nas guerras, mas a utilização desses dispositivos permite o avanço e o conflito noturno, aonde as tropas da Coalisção possuem a vantagem, mas também acaba completamente com períodos de descanso, pois seus adversários entram em ação no período que lhes é oferecida essa oportunidade: durante o dia.

Portanto, a movimentação e o combate são incessantes e o uso de estimulantes e energéticos muito comum, levantando sintomas de depravação do sono que muitas vezes contribuem para destruir o fator psicológico, assim como a própria saúde dos soldados.

Por fim, observamos nesse capítulo que decorrente dos ataques em 11 de Setembro de 2001, uma nova geração de conflitos tem origem no Oriente-Médio, tendo como palco os países do Afeganistão e do Iraque, e sendo caracterizados pelo combate não-convencional e de guerrilha, entre forças extremamente bem equipadas, treinadas e estruturadas, compostas por uma diversidade de países, intitulada de Força da Coalisção, contra uma insurgência plural, com variações de locais e organizações, níveis de treinos e táticas, mas principalmente caracterizada pelo uso de emboscadas e explosivos improvisados, que faz uma frente formidável ao avanço da coalisção. Também observamos que o poder destrutivo dos exércitos da Coalisção não possui grande efeito no contexto desses combates, todos esses fatores indicam que a parte mais importante a ser observada nesses conflitos é o combate direto da infantaria.

As patrulhas nas ruas do Triângulo da Morte, as trocas de tiro dentro das casas em Fallujah ou as mal pavimentadas e perigosas estradas que ligam as pequenas vilas do Afeganistão definem o panorama que, cerca o assunto central desse

trabalho, portanto, observemos agora a organização das Forças Armadas Americanas.

4 AS FORÇAS ARMADAS NORTE-AMERICANAS

No decorrer desse capítulo, desejo explicar o funcionamento das Forças Armadas dos EUA, já que esse assunto é de suma importância para a compreensão do restante deste trabalho. Lembrando que o foco da pesquisa está na infantaria do *U.S Army*, veremos a importância ao diferenciar os vários ramos que compõe forças armadas americanas, assim como a estrutura do nosso foco principal, suas cadeias de comando e principalmente sua filosofia de combate e liderança. Para explicar brevemente esse grupo de instituições, que chamamos de Forças Armadas dos Estados Unidos, farei uso das informações disponíveis em seus Sites oficiais, assim como dos manuais de campo, e das contidas nos livros estudados, como *Iraq Full Circle*, ou *Gentleman Bestards* e *Chosen Soldier*. O primeiro livro descreve brevemente a organização do *U.S Army* no período inicial da invasão, assim como alguns pormenores a nível de batalhão e regimento dessa organização; o segundo descreve as *Special Forces*, as forças especiais do *U.S Army* em ação; e o terceiro descreve a organização da central das forças especiais de todas as forças armadas, para embasar a explicação do treinamento dos *Special Forces*.

Começamos portanto, observando que as aqui chamadas Forças Armadas dos Estados Unidos, são uma combinação de quatro instituições interligadas por uma central de comando e lideradas por um chefe do estado maior. Essas instituições agem de maneiras diferentes, e por questões de organização trabalham separadamente e unindo suas forças em casos de exceção. Várias rivalidades existem entre os membros de cada uma das ramificações. Sabendo disso, trataremos cada um desses ramos separadamente, começando pela *USAF* a *United States Air Force*, um ramo completamente focado em operações aéreas.

É evidente no primeiro olhar sobre a propaganda da *USAF*, que se trata de uma organização especializada nas aeronaves. Isso pode parecer muito óbvio a princípio, mas quando tratamos do poderio de guerra dos EUA, devemos levar em consideração que a *USAF* é a mais especializada dos quatro ramos. Se focando exatamente em possuir unidades de aviação prontas para ação em qualquer parte do globo.

As ações da *USAF* nas situações de guerra contemporâneas normalmente buscam por estabelecer a supremacia aérea, através do bombardeamento de precisão estratégico, assim como prover as unidades expedicionárias de chão com apoio tático aéreo.

Por fim, sobre a *USAF*, é importante ressaltar o uso de tecnologia de última geração, pois esse é provavelmente o ramo mais tecnológico das Forças Armadas Americanas. Lembrando que ela possui ação intensiva em conjunto com as pesquisas espaciais e grande parte da força é unicamente dedicada à pesquisa e manutenção dessas tecnologias.

Prosseguiremos agora, analisando a Marinha dos EUA, a qual também conhecida é como *U.S Navy*, e seu lugar em meio as forças armadas.

A *Navy* ocupa uma posição estranha na organização das Forças Armadas Americanas, pois durante e após a Segunda Guerra Mundial a tendência mundial do uso de porta-aviões fez a *Navy* ocupar um espaço muito parecido com a *USAF* na sua metodologia de combate. Devido a motivos burocráticos, a *USAF* é impedida de ter seus aviões transportados em navios da *Navy*, por esse motivo, a *Navy* possui a sua própria frota de aeronaves, tanto de asas fixas, como de asas rotatórias, isso deixa esses dois ramos da militar americana em uma situação cada vez mais parecida. A *Navy*, porém possui uma mobilidade de resposta maior do que a *USAF*, por possuir navios espalhados por todos os oceanos, cobrindo completamente o território mundial com uma força de ação poderosa e de resposta rápida. Devido a essa característica os *Navy SEALs*, as forças especiais da *Navy*, são as de resposta mais rápida das quatro, e são amplamente utilizados pela sua mobilidade, veremos mais sobre as forças especiais posteriormente neste capítulo. O ponto relevante a ser levantado é que a *Navy*, também freta as unidades da Corporação de Fuzileiros Navais, os tornando uma unidade anfíbia de resposta rápida para intervenções e conflitos de média escala.

A Corporação dos Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, também conhecidos como *Marines*, serão referidos pela sigla oficial *USMC* (*United States Marine Corporation*) que se refere exatamente a Corporação dos Fuzileiros Navais.

A *USMC* foi estabelecida exatamente com a intenção de ser uma unidade de elite, e resposta rápida para qualquer operação que o comando americano necessi-

tasse, porém, eles acabaram por ocupar uma posição de rivalidade com o *U.S Army*. A sua fama como elite, que em teoria os deixaria em uma posição elevada, na contemporaneidade, não representa a realidade. O treinamento da *USMC* não difere muito do treinamento básico da infantaria do *Army*, os tornando mais uma anomalia burocrática do que uma real força de elite dos americanos.

Além disso, a *USMC* é o ramo que recebe menos verba do departamento de defesa, o que significa que seus equipamentos nem sempre correspondem aos do *Army* e muitas vezes não possuem o mesmo acesso à tecnologia, fato esse, que agrava ainda mais a rivalidade entre os dois ramos. *David Bellavia*, um *Staff Sergeant* do *Army* descreve a ação dos *Marines* na primeira noite da invasão de *Fallujah*⁹, e ele fala dos problemas da ação conjunta e da falta de dispositivos de visão noturna por parte dos *Marines*, que os força a manter iluminação estratégica durante a noite.

Esses fatores sobre *Marines* são ainda mais relevantes se levarmos em consideração o fato de que eles possuem praticamente os mesmos meios de combate do que o *Army*, no entanto fazendo uso de equipamentos diferenciados, ou seja, eles funcionam como outro exército, paralelo, na burocracia dos *EUA*. Inteiramente focado na infantaria, os *USMC* possuem Tanques de Guerra, blindados, veículos anfíbios e até apoio aéreo da *Navy*, além do seu próprio, assim como suas próprias forças especiais serem as únicas não ligadas a central. Apesar da importância desses fatores devemos manter em mente o fato de que os *Marines* são uma força com um número de pessoal bem menor do que o *Army*, portanto, apesar de seu poder de resposta ser rápido, é necessário que em grandes operações, tais como a invasão do Iraque, os dois ramos, *Navy* e *USMC* trabalhem em conjunto. Talvez o melhor modo de descrever os *Marines*, esteja contido no seu conhecido lema, "*Marines are the Few and the Proud*"¹⁰.

Finalmente, sabendo das diferenças entre as ramificações das forças armadas, podemos nos voltar o exército dos Estados Unidos, o qual será referido como *U.S Army* ou simplesmente *Army*.

⁹ BELLAVIA, David; BRUNING, John. **House to house**: An Epic Memoir of War. New York: Pocket Star Books, 2009. p. 200. A descrição de Bellavia sobre o uso de flares por parte dos *Marines* é um bom exemplo da diferença de tecnologias entre os dois ramos da militar americana

¹⁰ Tradução livre do autor: *Marines* são os poucos e orgulhosos.

O *Army* é um dos três departamentos militares, diretamente subordinado ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos, e é formado por dois componentes essenciais, o componente ativo e o componente reservista, o qual é composto pelo *United States Army Reserve* e *Army National Guard*.

Atualmente, o *Army* é comandado por dois Generais, o *Chief of Staff General Raymond T. Odierno*, o *Vice Chief of Staff General John F. Campbell*, um oficial não comissionado que ocupa o cargo de *Sergeant Major of The Army Raymond F. Chandler III* e dois secretários, *John McHugh* e *Dr. Joseph Westphal*. Algumas dessas figuras se mostram recorrentes nas fontes que falam sobre os planejamentos da invasão do Iraque e do Afeganistão.

Prosseguimos, portanto, observando a organização da estrutura do *Army*, a começar pelo modelo divisional.

O *Army* é dividido da seguinte maneira: A maior divisão é chamada *Field Army* e é composta de 2 a 5 *Corps*; cada uma dessas, por sua vez possui de 2 a 5 *Divisions*, as quais possuem em média de 10.000 a 18.000 soldados. Essas *Divisions* são divididas em três *Brigades* de 3.000 a 5.000 soldados, dentro das mesmas podemos encontrar três ou mais *Battalions* formados por de 500 a 600 soldados. Dentro dos *Battalions*, começamos a observar os componentes que são realmente importantes nessa pesquisa, aonde estamos interessados nos soldados na linha de frente. Portanto, devemos observar que os *Battalions* são compostos por de 3 a 5 *Companies* de 100 a 200 soldados, dentro dessas temos três ou quatro *Platoons* de 16 a 40 soldados, e finalmente três ou quatro *Squads* de 4 a 10 soldados.

Com essa estrutura bem estabelecida, devemos observar as cadeias de comando que controlam tudo isso.

Devemos levar em consideração, que as relações de liderança do *Army* dependem da maneira como os recrutas adentram a organização. Existem dois blocos principais e completamente separados dentro da hierarquia do *Army*, o primeiro, é o bloco dos oficiais comissionados ou *COs (Comissioned Officers)*. Os *COs*, são pessoas que adentram a carreira militar possuindo ensino superior completo ou fazendo

cursos de cadetes em programas como *ROTC*¹¹, ou ainda aderindo a uma das academias militares dos *EUA*, tais como *West Point*.

A carreira dos oficiais é permanente, possui objetivos nítidos e é completamente desligada da carreira do pessoal alistado.

O segundo bloco é composto pelo pessoal alistado. São indivíduos que ingressam no serviço militar, sem possuir as condições citadas anteriormente para o serviço como oficial. Isso significa que eles receberão um salário bem mais baixo, e não possuem a mesma trajetória de carreira. A diferença nas perspectivas de carreira entre esses dois grupos do *Army*, é essencial para a compreensão desse trabalho como um todo, portanto, devemos observar atentamente alguns fatores desse processo.

A trajetória de carreira dos soldados do *Army*, é, primeiramente, uma hierarquia de posições de liderança, portanto, antes de adentrar nesse assunto, devemos estabelecer o que é um cargo de liderança.

Um líder no *Army*, possui dois deveres essenciais: Garantir a integridade e completar a missão que lhe foi designada. Para tanto, lhe é confiada uma certa quantidade de soldados, os quais, em teoria ele possui total controle sobre. Assim, o líder pode planejar e executar a missão, conforme o seu julgamento.

Lembrando-se que um líder no *Army* é responsável pela integridade física e moral dos seus homens, o que significa que ele deve se certificar que todas as suas necessidades básicas ou bélicas estejam em capacidade completa. Acredita-se que, o líder possui total e completa responsabilidade sobre as mortes ou baixas acontecidas sob sua liderança, ou seja, como *Jim Frederick* explica muito bem em seu livro, caso algum acidente aconteça em meio ao pessoal sob sua liderança, o líder do grupo pode sofrer acusações legais de liderança ruim, ou má supervisão.

Com isso em mente, nos voltamos as diferenças entre os *COs* e o pessoal alistado. Devemos observar que, apesar de ambos os grupos alistarem soldados com idade média de 20 anos. O *Army* é organizado de maneira tal que os *COs* são colo-

¹¹ ROTC (Reserve Officers' Training Corps) é o programa de treinamento de cadetes do *Army*. Ele toma espaço no contra turno das atividades acadêmicas em algumas universidades americanas e é de participação voluntária. Para mais informações consultar: <http://www.goarmy.com/rotc/ways-to-attend.html>.

cados diretamente em uma posição de liderança, enquanto o pessoal alistado normalmente passa por um longo período de experiência, antes de ser promovido ao cargo de *NCO (Non-Commissioned Officer)*, sua posição de liderança e possibilidade de ascensão de carreira.

Essa postura de valorização dos COs já é datada e é considerada uma postura elitista, que, no caso do *Army* tenta ser combatida. A exemplo disso, um *Second Lieutenant* formado por uma escola de cadetes, possui a mesma ou menor experiência de combate que os seus subordinados, e com certeza possui menos experiência de combate que aqueles que ocupam posições de liderança sob seu comando. Isso acontece por que, a posição mais baixa da hierarquia de COs, o *Second Lieutenant*, dentro da infantaria do *Army*, liderará um *Platoon*, tendo em média 41 soldados sob seu comando, incluindo os líderes dos *Squads* pertencentes a esse *Platoon*, todos experientes e promovidos por mérito a posições de *NCOs*.

Tendo consciência desse problema de liderança exemplificado aqui, o *Army* apresenta uma solução. A ideia é legitimar a autoridade do CO através de um chamado *Senior NCO*, ou seja, um Oficial Não Comissionado experiente, normalmente com mais de 10 anos de carreira que estará presente ao lado do CO em comando, ocupando uma posição de "Conselheiro". Esse cargo vai estar presente em todos os níveis da organização do *Army*, desde o *Sergeant First Class*, ou *Master Sergeant*, que ocupa a posição de *Platoon Sergeant* cumprindo a função de conselheiro do CO em cargo do *Platoon*, ou o *First Sergeant*, que faz parte do corpo de comando da *Company*, até o *Sergeant Major*, *Command Sergeant Major* ou *Sergeant Major of The Army*, todos ocupando a mesma função, mas em níveis diferentes da hierarquia.

Aqui, é possível estabelecer um elo comparativo entre os *NCOs* e os oficiais, para facilitar a compreensão, por exemplo, o *Second Lieutenant* está para os oficiais, assim como o *Sergeant First Class* e o *Master Sergeant* estão para os *NCOs*, e tão importante quanto, o *First Sergeant* está para os *NCOs* como o *Captain* e o *First Lieutenant* estão para os oficiais. Em teoria, essa relação de um *NCO* experiente e um oficial formado deveria estabelecer um elo de liderança completo e eficiente para o *Army* no campo de batalha, veremos mais adiante o como essa relação acontece, mas antes, devemos observar outra organização importantíssima para o panorama das guerras contemporâneas, as *Special Operations Forces*, forças especiais formadas para realizar missões específicas em situações adversas.

Quando falamos de forças especiais dentro das forças armadas dos EUA, devemos estabelecer alguns preceitos a começar pelo termo *SOF* ou *Special Operations Forces*.

Dick Couch descreve nos primeiros capítulos de *Chosen Soldier* algumas características essenciais para a compreensão dessas forças. A primeira delas é manter em mente a existência de uma diferença entre *SF* (*Special Forces*) e *SOF* (*Special Operations Forces*), para que não exista confusão entre esses dois termos, que aparecem recorrentemente juntos. O termo *SOF* se refere às forças especiais de todos os ramos da militarização norte americana, ou seja, ela se refere à *Delta Force*, *SEAL Team Six*, *Navy SEALs*, às *Special Forces* e à *Air Force Special Operations*, que são todas elites de atuação especial dos ramos específicos. A característica essencial dessas equipes é que elas são todas ligadas por um comando central, intitulado *JSOC* (*Joint Special Operations Command*), sendo a *Force Recon* da *USMC* a única força especial independente desse comando.

Cada uma das unidades citadas acima possui especialidades e treinamentos diferentes, sendo a *Delta Force* e a *SEAL Team Six* especiais por serem as elites das elites. Devemos, porém, nos ater aqui, às duas unidades de infantaria de elite principais, os *NAVY SEALs* e os *Army Special Forces*, vejamos em primeiro lugar os *SEALs*.

Os *SEALs* são uma unidade criada para reação rápida e efetiva, com o uso de força e treinamento especializado para atuação de combate em qualquer terreno com qualquer tipo de inserção. Isso significa que a força especial da *Navy* é completamente focada no combate, seja para assassinatos, invasões, reconhecimento ou resgate de prisioneiros. A sua ação é sempre rápida e específica. Eles são as unidades de prontidão para respostas e intervenções políticas, discretas. Segundo *Dick Couch* (2007) eles podem agir de duas maneiras: Sem que haja conhecimento da comunidade internacional ou abertamente. Salientamos que o ponto mais relevante é sua capacidade de ações rápidas. Vejamos sua diferença com a mais importante força especial desta pesquisa, o *Army Special Forces*.

Os membros da *Special Forces*, conhecidos como *Green Berets*, possuem todo o treinamento de uma infantaria de elite e são completamente capazes de re-

solver as mesmas operações que os *Navy SEALs*, porém, eles possuem um treinamento e uma seleção diferenciada que torna essa unidade especial.

O processo de seleção, assim como o treino dessa unidade é focada em pensamento não convencional, formação de professores e principalmente “soldados diplomatas” que sejam capazes de interagir com qualquer população do mundo. O treinamento inclui línguas estrangeiras e exigência do conhecimento de no mínimo duas línguas incluindo a da área de atuação. Essas características deixam claro que os *Green Berets* são treinados para uma ação diferenciada, e essa ação é a conhecida guerra não convencional.

O objetivo das *Special Forces* é trabalhar em áreas isoladas, contando com o mínimo de apoio externo e grandes tecnologias. Essa filosofia mostra que eles consideram muito mais a qualidade do material humano do que as outras unidades das forças armadas.

Em pequenas unidades chamadas de *ODAs (Order Detachment Alpha)*, eles procuram se unir a pequenas ou médias comunidades civis em áreas de conflito, com o objetivo de treinar, ensinar e construir uma guerrilha especializada que lute ao lado dos americanos. Teoricamente resolvendo conflitos sem a necessidade de uma grande intervenção militar.

Isso nos leva de volta ao Afeganistão, e a grande presença de *Green Berets* nos primeiros anos da invasão e da ocupação. Em teoria, a participação desses soldados é melhor do que a intervenção em larga escala, para qualquer evento desse gênero proposto por parte dos americanos e eles são em via de regra a unidade da militar americana que passa mais tempo em zonas de conflito. Levando-se em consideração que a idade média desses soldados é de 29 anos, percebemos que eles são soldados experientes e bem acostumados com situações de batalha. Por esse motivo as *SF* são extremamente importantes quando observamos as relações de autoridade dentro de uma unidade militar, principalmente pelo alto nível de independência e autonomia designado a elas.

Finalmente, observamos que a composição das Forças Armadas Americanas é diversa, não só de métodos de ação, divisões institucionais que se replicam em várias áreas, mas também é uma instituição regida por soldados que adentram a carreira militar vindos dos mais diversos lugares da vida civil.

No decorrer desse capítulo observamos que existem grandes diferenças entre os ramos das forças armadas, e dentro da área a qual devemos nos aprofundar, o *Army*, foi possível notar que as relações de liderança dentro dessa instituição, são regidas por uma herança de um *status* social obtidos na vida civil. Isso mostra que os soldados que possuem mais estudo sempre ocupam um lugar mais elevado na hierarquia, independente das matérias estudadas nas universidades. A simples formação superior os coloca na frente, lembrando sempre, que o *CO* mais jovem ainda é superior ao *NCO* mais experiente.

Também observamos como a militar americana constrói unidades de elite focadas em ações e missões rápidas, assim como outras completamente focadas no combate contra insurgências e guerras não convencionais. Todos esses fatores serão importantíssimos nos próximos capítulos. É necessário que se entenda onde os personagens das fontes se encontram nessa hierarquia e organização, para que não se façam questões anacrônicas ou comparações inviáveis. É claro que não se pode comparar a relação de um *NCO* e seu *CO* dentro do *Army* com outra dentro da *USMC*, não, sem pelo menos ter uma base sólida de quais são as diferenças de ordem social, hierárquica e simplesmente institucional, nas relações de autoridade entre as duas.

5 DAS FONTES

Com a base teórica, a bibliografia, o contexto e a estrutura institucional estabelecidas, podemos começar a nos concentrar no objetivo central dessa pesquisa. Para tanto, precisamos analisar aqui as principais fontes trabalhadas, contextualizá-las, na conjuntura já estabelecida, e finalmente observar qual a importância delas para a resposta da problemática, que é a relação de autoridade entre os Oficiais Comissionados e os Oficiais Não Comissionados dentro do *Army*.

Para realizar tal análise, me utilizei de duas fontes, ambas são relatos de experiências em combate publicados na forma de livros e tem como característica a coautoria com o historiador John R. Bruning, o que as nivela em modo de descrição, facilitando a comparação entre os dois autores. A primeira dessas fontes é intitulada *House to House: An Epic Memoir of War*, e foi escrita por um *NCO* do *Army*, seu nome é *Staff Sergeant David Bellavia* e a segunda se chama *Outlaw Platoon: Heroes, Renegades, Infidels and the brotherhood of war in Afghanistan* e foi escrita por um *CO* do *Army*, chamado *Sean Parnell*.

A escolha dessas duas obras como fontes principais é lógica quando pensamos no objeto de pesquisa. O objetivo aqui é o de comparar a visão de um *CO* com a de um *NCO* e o modo como eles encaram os problemas de liderança enfrentados nos conflitos. É claro que as situações encaradas por ambos variam muito, mas eles enfrentam problemas similares e possuem visões diferentes sobre suas hierarquias. É importante notar que aqui, existe espaço para repetir essa pesquisa em outros ramos da militaridade norte-americana, livros como *One Bullet Away*, escrito por *Nathaniel Fick* que descrevem a formação de um oficial da *USMC* assim como a sua atuação e as suas experiências são perfeitos para o estudo das mesmas relações dentro da corporação. Com isso em mente, começamos portanto a nossa análise a partir do livro *House to House: An Epic Memoir of War* de Bellavia.

House to House é descrito por Evan Thomas como “A hair-raising tale of men in battle. *House to House* is about as raw and real as it gets¹²”, e de fato, esse livro

¹² BELLAVIA, David; BRUNING, John. *House to house: An Epic Memoir of War*. New York: Pocket Star Books, 2009. **Evan Thomas. p. II**

passa uma impressão de realidade muito forte, *David Bellavia* não contém descrições de cenas mórbidas e matanças características, pertinentes ao universo da guerra, mas longe de nos prendermos a falácia de acreditar que a guerra é somente terror, devemos analisar a perspectiva vivida por *Bellavia* e situar o livro dentro do universo dos conflitos contemporâneos.

A obra de *David Bellavia* é uma descrição pessoal dos eventos vividos por ele durante a batalha pela cidade de *Fallujah*, o que nos remete a alguns assuntos discutidos previamente sobre a Guerra do Iraque, incluindo o fato de que em 10 de Novembro de 2004 tropas americanas - tanto do *Army* quanto *USMC* - invadiram e tomaram a cidade em uma batalha caracterizada pelo combate próximo dentro das ruas e das casas da cidade, a qual havia sido inteiramente ocupada e estruturada como uma fortaleza, justamente para a defesa contra a entrada dos americanos.

Tendo em mente o contexto de 2004 e da batalha de *Fallujah*, já explicado previamente, podemos observar a descrição de *Bellavia* sobre a cidade presente em um dos capítulos iniciais do livro *House to House*, o qual ilustra com qualidade os problemas a serem enfrentados na tomada da cidade, ele começa descrevendo a cidade em si:

Fallujah is a city designed for siege warfare. From the studs to the minarets, every goddamned building is a fortress. The houses are minibunkers with ramparts and firing slits cut into every rooftop. The mosques are latter-day Persian castles with concrete walls three feet thick. Within those walls, the courtyards offer perfect ambush points from every window. Even the shops and local markets are fortified. Block after block, Fallujah is a sophisticated death trap. (BELLAVIA, 2009, p. 49)¹³

Como se já não bastasse a arquitetura natural da cidade ser motivo de grande parte das dificuldades enfrentadas na batalha, os insurgentes que a ocupavam tiveram muito tempo para preparar a si mesmos e a cidade contra os ataques americanos. *Bellavia* descreve isso:

Architecture aside, the insurgents had months to prepare for this battle. They've dug fighting positions, mined the streets, booby-trapped the houses, built bunkers, and cleared fields of fire. Every road in the city is strong-pointed, mined, and blocked with captured Texas barriers. Fallujah is shap-

¹³ BELLAVIA, David; BRUNING, John. **House to house**: An Epic Memoir of War. New York: Pocket Star Books, 2009. p. 49. Tradução livre do autor: "Fallujah é uma cidade projetada para a guerra de cerco. Desde as vigas até os minaretes, toda maldita construção é uma fortaleza. As casas são pequenas casamatas com parapeitos e janelas de disparo cortadas em cada telhado. As mesquitas são castelos Persas novos com muralhas de concreto de três pés de espessura. Dentro dessas muralhas, as praças oferecem espaços perfeitos para emboscadas de cada uma das janelas. Até as lojas e os mercados locais são fortificados. Quadra após quadra, Fallujah é uma armadilha mortal sofisticada.

ing up to be Verdun of the War on Terror. We face a battle of attrition fought within a maze of interlocking fortresses. Attrition is such a sterile word. We'll be trading our lives for theirs.(BELLAVIA, 2009, p. 49)¹⁴

É nítido que para David Bellavia, a batalha de Fallujah só poderia ser um evento perigoso e uma conquista difícil, em nenhum momento as descrições sobre essa batalha se referem a ela como uma tarefa fácil e muitas vezes ela é referida como uma das mais difíceis batalhas urbanas nos últimos tempos. É em meio a esse contexto, de uma batalha árdua que os eventos descritos pela fonte aconteceram, isso é relevante quando observamos as relações pessoais, pois nos apresenta o momento onde as autoridades e as relações de liderança na guerra são mais importantes e se expressam com maior intensidade.

Outro aspecto que devemos dar atenção aos descritos de Bellavia é a posição que ele ocupa dentro das suas descrições. Ele escreve o livro em primeira pessoa, e descreve o seu ponto de vista sobre os eventos, ele é o de um líder de esquadrão de infantaria do 2º Batalhão do 2º Regimento de infantaria. Isso significa que a visão do autor sobre os eventos é a de um NCO mais especificamente um *Staff Sergeant*, que lidera um pequeno grupo de aproximadamente 10 soldados em meio a uma batalha de proporções muito maiores, ele possui sob seu comando dois sargentos que lideram *fire teams* que respondem diretamente a seu comando e Bellavia, por sua vez, responde diretamente a um comando do pelotão, constituído por seu *Platoon Leader* o LT. *Christopher Walls* e o *Platoon Sergeant Cantrell*. Dentro do mesmo pelotão existem outros *squads* liderados por *Staff Sergeants*, sendo o principal nas descrições, o *squad* de seu amigo *Staff Sergeant Fitts*.

Todos os eventos descritos no livro e vividos pelo autor, tanto antes quanto durante a batalha de Fallujah são centrados nas ações desse pelotão. Isso é interessante por que nos proporciona uma visão bem centrada na relação entre o mesmo grupo de indivíduos durante a narrativa inteira. Bellavia não evita comentários que mostram insubordinação de sua parte e muito menos críticas a soldados de níveis mais altos da hierarquia. Da mesma forma, ele não tem problemas em elogiar carac-

¹⁴BELLAVIA, David; BRUNING, John. **House to house**: An Epic Memoir of War. New York: Pocket Star Books, 2009. p. 49. Tradução livre do autor: "Arquitetura aparte, os insurgentes tiveram meses para se preparar para essa batalha. Eles cavaram posições de luta, minaram as ruas, armadilharam as casas, construíram casamatas e limpavam campos de fogo. Toda estrada para dentro da cidade possuía um ponto forte, era minada e bloqueada com barreiras Texas capturadas. Fallujah, estava se formando para ser a Verdun da Guerra contra o Terror. Nós enfrentamos uma batalha de abrasão travada em um labirinto de fortalezas interligadas. Abrasão é uma palavra tão fraca. Nós estaremos trocando nossas vidas pelas deles.

terísticas boas de outros líderes e apresentar aquilo que ele observa como essencial em um CO ou um NCO em uma missão.

Diferente de *Sean Parnell*, Bellavia não se preocupa em descrever sua primeira impressão com o combate. Sua narrativa tem início com ele se portando como um veterano, portanto, aqui não haverá o processo de transformação do indivíduo durante o combate. Com exceção de algumas descrições e lembranças do autor, que não seguem o fluxo do livro, isso significa que, em teoria, Bellavia já se considera um guerreiro formado, e acredita ser capaz de enfrentar os maiores problemas. Mas isso também significa que a visão de Bellavia sobre a guerra, ou mais especificamente, sobre o trabalho do infante no campo de batalha é mais pessimista e ele encara seu trabalho como o “trabalho sujo da nação” em suas próprias palavras:

This is our war: We can't shoot at every target, we can't always tell who is the target; but we look out for one another and we don't mind doing nation's dirty work. Air force pilots and Army majors expert in Microsoft PowerPoint have a perfectly clean view of it. We won't get support if we make a mess. (BELLAVIA, 2009, p. 20)¹⁵

Essa visão pessimista sobre a posição do infante no combate é uma questão muito interessante do trabalho de Bellavia, pois, apesar do autor acreditar na sua posição como um guerreiro, ele não vê um grande valor e não tenta glorificar a guerra. Em alguns momentos ele chama atenção para atos de coragem ou técnicas bem executadas pelos seus inimigos, mas suas descrições sobre as mortes ou a morte de amigos são diretas e possuem uma grande carga de descrição visual. É comum em *House to house* se deparar com a descrição de uma cabeça sendo despedaçada ou sons emitidos por moribundos, mas reflexões que glorifiquem a morte ou que a justifiquem são raras. Um em comum entre Bellavia e Parnell é que ambos acreditam que assassinar ou matar seus inimigos se torna simples com a experiência de combate, essa experiência perde o seu tabu, com isso a morte também muda de significado e perde grande parte do seu mistério.

¹⁵BELLAVIA, David; BRUNING, John. **House to house**: An Epic Memoir of War. New York: Pocket Star Books, 2009. p. 20. “Essa é a nossa guerra: Nós não podemos atirar em todos os alvos, nem podemos sempre dizer quem são os alvos; mas nós cuidamos um dos outros e não nos importamos em fazer o trabalho sujo da nação. Os pilotos da Força Aérea e os majores do *Army* especialistas em *Microsoft PowerPoint* possuem uma visão perfeitamente limpa sobre isso. Nós não conseguimos apoio quando fazemos sujeira.

Prosseguimos a análise dando destaque a segunda fonte essencial utilizada nesse trabalho, a obra de Sean Parnell, intitulada *Outlaw Platoon: Heroes, Renegades, Infidels and the Brotherhood of war in Afghanistan*.

Parnell, assim como Bellavia, descreve as suas experiências em combate, seus problemas com a liderança e sua relação com a cadeia de comando no interior dos conflitos no Afeganistão em 2006. A sua posição como um líder de pelotão de infantaria da *10th Mountain Division* é fundamental para a compreensão das relações entre os *NCOs* e os *COs* por fornecer uma visão de dentro, de situações cotidianas ou de combate intenso. Descrevendo com grandes detalhes diversas vezes sua maneira de tomar decisões, e, principalmente, como seus subordinados reagem as escolhas tomados por ele mesmo.

Os eventos descritos por Sean Parnell são todos localizados no distrito Barmell, na área de controle americano que se encontra a leste de Kandahar e ao sul de Kabul na fronteira com o Paquistão e são todos ocorridos durante o *deployment*¹⁶ do pelotão em 2006. Devo aqui lembrar ao leitor que em 2006 as forças da coalisão, que incluem a participação do *Army* começavam a ação de reconstrução do Afeganistão, o que significa que os contatos com a população local deveriam ajudar a reconstruir vilas específicas ou manter a ameaça de insurgências sob controle.

Tendo esse contexto da guerra do Afeganistão bem estabelecido, devemos observar como Sean Parnell se posiciona em meio a ela. O autor se encontra em uma situação de guerra aberta, mesmo sendo caracterizada pelo combate a insurgências, o inimigo enfrentado por Parnell, é basicamente composto por Talibãs, bem treinados e equipados, veteranos na guerra de guerrilha, portanto as patrulhas em veículos comandadas por ele possuem como objetivo principal manter a circulação desses insurgentes em um limite aceitável. Não existe aqui uma interação com a população local, como a busca por armamentos dentro de casas de civis, como acontece no Iraque, isso cria uma diferença grande tanto no *stress* de combate, como no idealismo quando comparamos com Bellavia ou com os descritos de Frederick em *Black Hearts*.

Apesar de Parnell enfrentar menos problemas de ordem pessoal dentro do conflito, por não se deparar com decisões que podem resultar na morte de inocentes

¹⁶ Período de serviço prestado pelos militares fora de território americano.

em uma medida diária, é importante ressaltar aqui, que ele ainda se depara com uma força militar muito melhor equipada e treinada do que outras fontes.

O uso de ataques de foguetes e artilharia, que inclui morteiros de precisão contra as instalações, bases ou acampamentos ocupados pelo autor, combinados com emboscadas bem planejadas de um inimigo evasivo, ou ataques frontais que fazem melhor uso da vegetação e do relevo deixam claro que o combate contra os talibãs é realmente um desafio para a supremacia americana na área.

Alguns dos pontos essenciais que dificultam o combate contra essa força é o desenvolvimento de técnicas improvisadas que trabalham contra a tecnologia americana pelo lado dos talibãs. Parnell descreve diversas vezes como as fortificações de seus inimigos são especialmente projetadas para evitar a sinalização de temperatura para os dispositivos de visão termal, ás deixando praticamente invisível para as patrulhas aéreas americanas.

A relação de Parnell com a guerra é bem diferente de Bellavia. O modo como ele entra e sai de combate possui um caráter mais melancólico e menos competitivo. Em várias situações é possível observar Bellavia descrevendo sua transformação em um guerreiro e a sua mudança na familiarização com a morte tanto de seus amigos como de seus inimigos. Parnell não encara os fatos da mesma forma, mesmo que durante o período de suas ações ele mude completamente de postura, em um primeiro momento, quando ele recém chega ao Afeganistão, ele se depara com a morte de uma criança em seus braços, e, após observar a reação de outros soldados falando sobre o evento no refeitório, ele faz o seguinte comentário: (2012, p. 15) *“Did these guys check their humanity at the door?”*¹⁷ se referindo a postura “desumana” como os seus companheiros lidam com a morte. O que é interessante sobre essa visão de Parnell, é que ele mudará completamente durante o livro, talvez a própria descrição do autor tenha como objetivo ilustrar a sua própria transformação, o que é muito comum em livros desse gênero. Ele então passa por um período de aceitação, que pode ser muito bem ilustrado na passagem:

¹⁷ PARNELL, Sean; BRUNING, John. **Outlaw Platoon**: Heroes, Renegades, Infidels, and the Brotherhood of War in Afghanistan. New York: Harper Collins Publishers, 2012. p. 15. Tradução livre do autor: “Esses caras deixaram a humanidade na porta?”

Ugly thoughts boiled within me. Unformed, terrifying, they swirled around my head as if my mind had tumbled across some truth my subconscious could not face.

Today I watched a man get blown to pieces (PARNELL, 2012, p. 117)¹⁸

As mudanças enfrentadas pelo autor chegam em um ponto culminante após a morte de um de seus subordinados, a qual, após uma investigação, é revelada como sendo ocasionada pela traição de um dos intérpretes. A posição do autor quanto a sua capacidade de assassinar fica clara em autoanálise quando ele fala (2012, p. 316) *“I had never considered myself capable of murder. Afghanistan had opened that door, and now I knew the full extent of what I’d become. I could kill without so much as a ripple on my conscience”*.¹⁹ Essa postura e a transformação de um jovem civil em idade de trabalho em um assassino é um tema bem comum na descrição dentro desses livros. A relação de Parnell com assunto não difere do normal, a guerra transforma e modifica a postura dos soldados com relação ao mundo e as pessoas que os cercam, e isso é inevitável.

Em conjunto com as fontes bibliográficas principais, esse trabalho contou também com a ajuda de fontes audiovisuais disponibilizadas pelos soldados em serviço em sites de *streaming* de mídia, tais como *YouTube* e *Funker530*.²⁰ Em ambos os sites a comunidade de veteranos do *Funker530* faz *uploads* em tempo real de gravações e montagens de cenas do campo de batalha no Afeganistão e no Iraque.

As cenas mais populares disponibilizadas por essas comunidades são as das *HelmetCams*, cenas gravadas com filmadoras digitais portáteis de alta qualidade acopladas aos capacetes dos soldados de infantaria, as quais normalmente exibem situações de combate direto com armas de fogo, uso de algumas armas pesadas ou patrulhas. Essas cenas são posicionadas no ponto de vista do soldado e geralmente elas demonstram imagens que são apenas descritas pelos livros. Essas matérias audiovisuais contrapõem e apoiam argumentos comuns da historiografia militar. Pontos expostos por Marshall sobre a pouca atividade ou o pouco uso de suas

¹⁸ PARNELL, Sean; BRUNING, John. **Outlaw Platoon: Heroes, Renegades, Infidels, and the Brotherhood of War in Afghanistan**. New York: Harper Collins Publishers, 2012. p. 117. Tradução livre do autor: “Pensamentos feios ferveram dentro de mim. Deformados, aterrorizantes, eles giravam envolta de minha cabeça como se minha mente tivesse tropeçado em alguma verdade que meu subconsciente não conseguia enfrentar. Hoje eu assisti um homem ser explodido em pedaços.”

¹⁹ PARNELL, Sean. *Op.Cit.*, p.316. Tradução livre do autor: “Eu nunca me considereei capaz de assassinato. O Afeganistão tinha aberto essa porta e agora eu conhecia toda a extensão do que eu tinha me tornado. Eu poderia matar sem um mínimo de agitação em minha consciência.”

²⁰ Endereços eletrônicos respectivos: <<http://www.youtube.com/user/FUNKER530>> para o canal do Funker530 no YouTube e <<http://www.funker530.com/>> para o site oficial da comunidade.

armas portáteis pelos soldados podem ser claramente contrapostas no contexto do século XXI, os vídeos demonstram trocas de tiro intensas entre soldados americanos e membros do movimento talibã, aonde o fogo incessante de supressão é amplamente utilizado.²¹

Em conjunto com os vídeos as *HelmetCams*, diários de bordo gravados pelas câmeras de helicópteros ou aviões de apoio aéreo de proximidade são um material incrível de análise sobre a ação da grande tecnologia envolvida nos conflitos do século XXI. Não é pouco comum se observar nos vídeos dessa comunidade ações de helicópteros *Apaches* fazendo uso de mísseis *Hellfires* para destruir alvos identificados como hostis. Essa visão de dentro da cabine provém ao pesquisador informações tais como, as dificuldades enfrentadas pelos tripulantes das aeronaves para encontrar os alvos identificados.

Os vídeos disponibilizados pela comunidade de veteranos são distribuídos pelos dois sites, mas existem grandes diferenças entre as regras de distribuição dos sites, vejamos como isso influencia.

O *YouTube* é um dos maiores provedores de audiovisual da internet na contemporaneidade, isso significa que a amplitude de telespectadores desse site é muito maior, porém, essa empresa possui regras rígidas quanto ao material que pode ser exibido no site. Isso significa qualquer material que exponha conteúdo gráfico tais com morte ou mutilações em câmera são proibidos nesse site. Para manter os vídeos que possuem esse conteúdo disponíveis, o *Funker530* possui um domínio próprio com uma grande variedade de vídeos com esse conteúdo, no qual eles também incluem fotos e comentários dos veteranos.

Portanto, durante esse capítulo observamos as fontes utilizadas nessa pesquisa. Desde o livro de David Bellavia, *House to House*, que descreve os eventos vividos por ele na batalha de Fallujah em 2004, segundo a visão de um *NCO* dentro do combate de proximidade urbano. Analisamos como Bellavia se relaciona com a guerra e qual é a sua visão sobre o trabalho de um soldado da infantaria. Em conjunto com a obra de Bellavia, relacionamos o livro *Outlaw Platoon* de Sean Parnell, discutindo pontos em comum entre os dois autores, ressaltado a participação de

²¹ FIREFIGHT ON HELMET CAM IN AFGHANISTAN - PART 1 | FUNKER530. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=uZ2SWWDt8Wg&list=SP8C37447F5C26EE55>>. Acesso em: 04/12/2013.

Parnell no Afeganistão em 2006, assim como a sua visão sobre a guerra e as transformações sofridas pelo autor no decorrer do seu período em combate.

Em conjunto com isso, servindo de material de apoio, analisamos o lugar ocupado pelo audiovisual disponibilizado pelos veteranos pelos meios de propagação de mídia na *internet*. Percebemos que esses vídeos possuem uma participação grande pela sua capacidade de trazer visões novas e contrapor alguns aspectos da historiografia pela sua exposição de parâmetros normalmente escondidos da guerra, principalmente por serem uma maneira de comunicação direta dos soldados com o pesquisador ou telespectador.

6 RELAÇÕES DE AUTORIDADE

Com a base bibliográfica bem estabelecida, contexto e estruturas institucionais claras e as fontes trabalhadas bem elucidadas, podemos finalmente nos voltar a análise da problemática foco desse trabalho: como funcionam as relações de autoridade dentro do *Army*? As relações reais entre os líderes e seus subordinados são equivalentes as propostas pela teoria do *Army*? Como os infantess se relacionam com esses problemas em uma situação de combate?

Pretendo responder a todas essas perguntas no decorrer desse capítulo, fazendo uso das fontes já descritas, para compreender o problema na relação de autoridade que é encontrado dentro da infantaria do *Army*, mas lembrando que é, eterno e universal dentro das forças armadas em situações de conflito.

Para tanto devemos analisar mais atentamente como o *Army* posiciona o NCO conselheiro em conjunto com o CO líder e como esses indivíduos deveriam se comportar lado a lado, para após avaliar como o NCO David Bellavia se posiciona quanto a sua relação com os COs descritos por ele em seu livro. Em seguida, devemos observar como os COs se relacionam com ele, quais atitudes ele considera válidas e quais não. Em comparação podemos considerar o CO, Sean Parnell, e a maneira como ele se relaciona com seus NCOs, qual é a sua visão sobre o problema e quais as dificuldades inseridas. Com essas relações bem estabelecidas, podemos unir as análises com a bibliografia de apoio e justificar como essas relações ocorrem em outras instancias da instituição.

Antes de adentrar na análise das fontes, vejamos como os NCOs experientes são atrelados com os COs oficialmente, fazendo uso do manual FM3-21.8 do *Army* e como ele define a função dos líderes. E portanto, como o líder do pelotão é apresentado:

The platoon leader leads his subordinates by personal example. The platoon leader exercises authority over his subordinates and overall responsibility for those subordinates' actions. This centralized authority enables the platoon leader to act decisively while maintaining troop discipline and unity. Under the fluid conditions of close combat, even in the course of carefully-planned

actions, the platoon leader must accomplish assigned missions using initiative without constant guidance from above.²²

O líder do pelotão toma as decisões e completa a missão, sua obrigação essencial é manter o bom funcionamento do pelotão. Todas as atitudes associadas a sua unidade são de sua responsabilidade. Isso significa que qualquer erro cometido dentro da unidade recairá como erro seu, o que faz a cadeia de comando o manter em constante pressão. Em conjunto com essa posição no comando de um pelotão possuímos o sargento do pelotão (*PSG*), que é descrito pelo manual como:

The platoon sergeant (PSG) is the senior NCO in the platoon and second in command. He sets the example in everything. He is a tactical expert in Infantry platoon and squad operations, which include maneuver of the platoon-sized elements, and employment of all organic and supporting weapons. The platoon sergeant advises the platoon leader in all administrative, logistical, and tactical matters. The platoon sergeant is responsible for the care of the men, weapons, and equipment of the platoon. Because the platoon sergeant is the second in command, he has no formal assigned duties except those assigned by the platoon leader.²³

O *PSG* é o segundo no comando, o que significa que em qualquer caso onde o líder do pelotão se encontre ausente cabe a ele tomar as decisões e assumir o comando da unidade. Ele também ocupa uma posição de conselheiro, o manual é claro quando diz que “*the platoon sergeant advises the platoon leader*”. Essas atribuições são baseadas na sua experiência de combate. Acredita-se portanto que o *PSG* é o mais experiente membro do pelotão e essa experiência é a sua contribuição com a tropa. Finalmente a última posição de liderança de importante análise aqui é o líder de esquadrão (*SL*).

The squad leader (SL) directs his team leaders and leads by personal example. The SL has authority over his subordinates and overall responsibility for those subordinates' actions. Centralized authority enables the SL to act

²² HEADQUARTERS DEPARTMENT OF THE ARMY. **FM 3-21.8 (FM 7-8) The Infantry Rifle Platoon and Squad**. Inglês. Washington DC, 2007. Manual, disponível em: <https://rdl.train.army.mil/catalog/view/100.ATSC/04183AF4-34EB-47F0-BCEE-29C93432DA49-1274564010088/3-21.8/toc.htm> Acesso em: 04/12/2013. 1-65. Tradução livre do autor: “O líder de pelotão lidera seus subordinados por exemplo pessoal. O líder do pelotão exercita autoridade sobre seus subordinados e possui completa responsabilidade pelas ações de seus subordinados. Essa autoridade centralizada permite ao líder de pelotão agir decisivamente enquanto se mantém a disciplina e unidade da tropa. Sob as condições fluidas do combate de proximidade, ou mesmo no curso de ações bem planejadas, o líder de pelotão deve completar as missões designadas usando iniciativa sem a necessidade de guia constante de seus superiores.”

²³ HEADQUARTERS DEPARTMENT OF THE ARMY. *Op. Cit.* 1-68. Tradução livre do autor: “O sargento do pelotão (*PSG*) é o NCO mais experiente no pelotão e segundo em comando. Ele impõe o exemplo para tudo. Ele é o especialista tático em um pelotão de infantaria e operações de esquadrão, o que inclui manobras de elementos de tamanho de pelotão e o emprego de todas as armas orgânicas ou de suporte. O sargento de pelotão aconselha o líder do pelotão em todos os problemas administrativos, logísticos e táticos. O sargento de pelotão é responsável pelo cuidado dos homens, armas e equipamentos do pelotão. Porque o sargento de pelotão é o segundo em comando, ele não possui obrigações formalmente atribuídas exceto aquelas impostas pelo líder do pelotão.”

decisively while maintaining troop discipline and unity. Under the fluid conditions of close combat, even in the course of carefully-planned actions, the SL must accomplish assigned missions on his own initiative without constant guidance from above.²⁴

O *SL* é a segunda posição mais baixa de liderança dentro do *U.S Army*, tendo apenas os *FTLs* liderando subordinados a ele. Isso é interessante já a princípio por que o *SL* é um *NCO* experiente, normalmente um *Staff Sergeant*, e é subordinado a um *CO* inexperiente, recém graduado na escola de oficiais. Eles são apresentados recorrentemente nas fontes como as figuras centrais do pelotão e são os principais responsáveis pelo bom funcionamento da infantaria como um todo.

A descrição dos *SLs* é exatamente a mesma dos *Platoon Leaders*. Significando que a sua responsabilidade, função no campo de batalha e direitos são relativamente os mesmos, a única diferença está na posição que eles ocupam na hierarquia. Na leitura dos manuais também é visível que a posição de *SL* é a única da carreira dos *NCOs* na qual eles possuem comando total de suas unidades, em todos os cargos posteriores de sua carreira os *NCOs* se mantêm abaixo na hierarquia da unidade de comando.

Tendo os três líderes principais do pelotão bem esclarecidos, podemos então observar que existe uma tendência nos manuais de associar liderança com exemplo. O ideal de líder, tanto institucional como prático, é de um guia. Uma figura a ser imitada pelos seus subordinados, que difere da de um organizador.

Voltemos então nosso olhar para o *Staff Sergeant* David Bellavia, o escritor de *House to House*.

Sabemos que Bellavia é um *Squad Leader*, portanto ele deve servir de exemplo para seu esquadrão, ao mesmo tempo que deve seguir as ordens de seus superiores para cumprir com a missão. Ele é subordinado a um *Platoon Leader*, *LT. Christopher Walls* e o *Platoon Sergeant* Cantrell. Já observamos que a sua relação com a guerra é caracterizada por um pessimismo grande e devemos pontuar sua relação com esses superiores.

²⁴HEADQUARTERS DEPARTMENT OF THE ARMY. *Op. Cit.* 1-83. Tradução livre do autor: “O líder do esquadrão (SL) direciona seus líderes dos grupos e lidera por exemplo pessoal. O SL tem a autoridade sobre seus subordinados e a completa responsabilidade pelas ações desses subordinados. A autoridade centralizada permite que o SL haja decisivamente enquanto mantém a disciplina e a unidade da tropa. Sob as ações fluidas do combate de proximidade, ou mesmo no curso de ações cuidadosamente planejadas, o SL deve cumprir com as missões designadas usando iniciativa sem a necessidade de guia constate de seus superiores.”

Bellavia observa características em seus superiores, as quais, ele julga boas ou más para um líder. Algumas delas não possuem relação com a personalidade ou com escolhas desses sujeitos, mas sim, com a posição que eles ocupam.

A primeira passagem do livro que revela a relação de Bellavia dessa maneira acontece quando ele se encontra com o *Quarter Cav*, um major da sua unidade. A sua opinião sobre esse CO é bem representada em: (2009, p. 3–4) *“In our world, the world of infantry, this major is a wannabe. He sits safe behind the wire, but tries to act the part of a combat leader. Most of the time we must simply suffer fools like him as we go about our business.”*²⁵ Dois pontos são importantes na visão de Bellavia nessa passagem: Primeiro, a ênfase que o autor dá para sua presença na infantaria, ele não fala de outros ramos da militar ou outras armas, mas sua visão sobre sua posição no *Army* tem relação com a maneira como eles se comportam diante do Major. O segundo ponto é diretamente ligado ao primeiro, a relação dos soldados de infantaria com seus superiores é ligada com a presença dos mesmos no campo de batalha. Inclusive, Marshall fala sobre a importância da presença de oficiais na linha de frente.

Lembro o leitor, que os soldados de infantaria se encontram em constante perigo de vida e situações precárias. Esses fatores influenciam na maneira como eles interagem com outros ramos da militar. As referências de Bellavia a sujeira, a sua situação precária e a sua capacidade como soldado de infantaria a resistir a esses efeitos mostra muito sobre o perfil que ele procura em um líder. Essa imagem aparece quando ele analisa a participação de seu *Company Commander* em combate (2009, p. 31-32) *“A commander who leads on the ground is always more desirable than one who stays in an armored vehicle. After that I questioned his judgment on the battlefield.”*²⁶

Seguindo essas duas passagens de *House to House*, podemos perceber que na visão de Bellavia sobre os COs da infantaria é a de que eles devem sempre

²⁵BELLAVIA, David; BRUNING, John. **House to house**: An Epic Memoir of War. New York: Pocket Star Books, 2009. p. 3 - 4. Tradução livre do autor: “Dentro de nosso mundo, o mundo da infantaria, esse major é um aspirante. Ele se senta na segurança atrás dos arames, mas tenta agir como parte de um líder de combate. Na maior parte do tempo nós simplesmente sofremos tolos como ele enquanto continuamos cuidando dos nossos negócios.”

²⁶ BELLAVIA, David; BRUNING, John. *Op. Cit.* p. 31 – 32. Tradução livre do autor: “Um comandante que lidera do chão é sempre mais desejável que aquele que fica dentro de um veículo blindado. Após aquilo eu questionei seu julgamento no campo de batalha.”

se mostrar prontos para o combate e para enfrentar as situações junto a seus subordinados. Seguindo desse raciocínio, verificamos que a reação do autor quanto a atitude de seu superior não se restringiu apenas a crítica das suas ações, mas se estendeu no questionamento quanto as suas decisões.

Como foi descrito no FM3-21.8, os COs devem exercer sua função de liderança, tomando decisões que levem ao sucesso nas missões, portanto, caso a relação deles com seus subordinados, por algum motivo, cause desconfiança na continuação de suas ordens, fica evidente que isso pode prejudicar o bom funcionamento da unidade. Esses fatores são, portanto, ligados com uma atitude pessoal do oficial em questão.

Essas ações também não são irremediáveis. O próprio *Company Commander, Captain Sims*, trabalhou em reconquistar a confiança de seus subordinados e Bellavia mostra que ele foi capaz de melhorar a sua situação. Mas é importante nessa questão que se mantenha em mente que a posição de liderança desses COs, se não muito bem trabalhada, pende em uma relação delicada. Grande parte dos líderes tem consciência dessa situação. Analisaremos como os COs reagem a esses efeitos em Parnell, mas devemos, antes, observar a visão de Bellavia sobre seus NCOs superiores.

O primeiro NCO a ser analisado aqui é o *Sergeant Major Faulkenburg*. Faulkenburg foi um *Sergeant Major*, o que significa que ele ocupa uma posição no grupo de comando do batalhão, ao qual o autor está inserido, e, mesmo que as fontes não digam a sua idade, é possível afirmar que ele é um dos membros mais experientes dessa unidade inteira. Isso lhe dá uma característica que Bellavia refere como uma “figura paternal”. Portanto, não só Faulkenburg é um veterano experiente de combates, mas que ele consegue construir uma imagem, tanto de respeito e autoridade, quanto a de ser amado pelos seus subordinados. As palavras de Bellavia quando se refere ao discurso de Faulkenburg descrevem bem essa relação:

Here, now, I want more than anything to stand with Sergeant Major Faulkenburg as we had into the fight and to measure up at last. This time, I am determined not to fail. His few words have had a more profound effect on me than any of the pep talks of the past week. A great speech is only partly about what is said. Often what matters more is who says and how it is deliv-

ered. Our sergeant major vulnerability and love for us spoke volumes. (BELLAVIA, 2009, p. 63)²⁷

No words are said. I'd do anything for this man, and he knows it. I'd kill for him and he knows that too. I'd follow him anywhere because I trust him to always do the right thing. Few men are leaders. Even fewer are role models. Faulkenburg is both. We will fight like demons for him today. (BELLAVIA, 2009, p. 64)²⁸

Aqui vemos que não só a figura paternal de Faulkenburg ajuda na recepção de seu discurso, mas vai muito além, adentrando um problema sugerido por Holmes em *Firing Line* que é: Como fazer os soldados irem ao combate. Faulkenburg move essa unidade de infantaria através de seu carisma e da sua proximidade junto aos soldados. Bellavia continua sua descrição do *sergeant major* e menciona outros fatores, tais como a sua presença no campo de batalha e sua escolha modesta de armas para se igualar com seus soldados. Tudo isso contribui na construção de sua imagem como um líder de combate. Na sequência, analisamos a visão de Bellavia sobre seu *Platoon Sergeant James Cantrell*.

Cantrell's personality is uniquely suited for his position. He wouldn't last a week as an elementary school principal, but as a platoon sergeant he's tough and mean and leads only by example. If he told me to eat a shit sandwich, I'd do it without second thought, or mustard. He makes mistakes, sure, but he never repeats them. In combat, his only weakness is his battle-fueled temper. He rages and screams at us at every fight. Call it tough love. He is the best in Third Brigade and he knows it. (BELLAVIA, 2009, p.66)²⁹

Não existe dúvida sobre a visão de Bellavia sobre Cantrell, para ele o *platoon sergeant* é praticamente a personificação do seu ideal para esse líder. As características que o autor atribui a Cantrell que são a parte mais interessante, ao mesmo tempo que Cantrell lidera apenas por exemplo, é notável que ele não é bom ou gentil

²⁷BELLAVIA, David; BRUNING, John. **House to house**: An Epic Memoir of War. New York: Pocket Star Books, 2009. p.63. Tradução livre do autor: "Aqui, agora, eu quero mais do que tudo estar ao lado do Sergeant Major Faulkenburg enquanto seguimos para o combate para medir por fim. Dessa vez, estou determinado a não falhar. Suas poucas palavras tiveram um impacto mais profundo em mim do que qualquer um dos discursos de incentivo da semana anterior. Um grande discurso é apenas parcialmente sobre o que é dito. Normalmente o que importa mais é quem diz e como ele é recebido. A vulnerabilidade e o amor de nosso *Sergeant Major* para conosco falou volumes."

²⁸BELLAVIA, David; BRUNING, John. *Op. Cit.* p. 64. Tradução livre do autor: "Nenhuma palavra foi dita. Eu faria qualquer coisa por esse homem, e ele sabe disso. Eu mataria por ele e ele sabe disso também. Eu o seguiria para qualquer lugar por que eu confio no seu julgamento para sempre fazer a coisa certa. Poucos homens são líderes. Menos ainda são modelos de vida. Faulkenburg é ambos. Nós lutaremos como demônios por ele hoje."

²⁹BELLAVIA, David; BRUNING, John. *Op. Cit.* p. 66. Tradução livre do autor: "A personalidade de Cantrell é sem igual ideal para sua posição. Ele não duraria uma semana como diretor de uma escola, mas como um sargento de pelotão ele é durão e mau e lidera apenas por exemplo. Se ele me mandasse comer um sanduíche de esterco, eu o faria sem pensar duas vezes, ou mostarda. Ele comete erros, sim, mas ele nunca os repete. Em combate, sua única fraqueza é seu temperamento alimentado pela batalha. Ele tem ataques de raiva e grita conosco durante todas as lutas. Chame de amor difícil. Ele é o melhor na terceira brigada e ele sabe disso."

com seus subordinados, e não tem intensão nenhuma de ser, tanto é, que ele é descrito como “*tough and mean*”, porém, essas são características essenciais de líderes de combate.

Bellavia deixa claro com isso, que um bom líder de infantaria não deve ser amigo dos seus subordinados, mas, deve ter uma relação que inspire autoridade e sirva de modelo a ser seguido. Essas características podem decorrer de diversas atitudes do líder com seus soldados, mas em essência, é necessário que ele se coloque a frente nas ações para ser seguido. Observemos agora as descrições de Parnell.

A visão que Sean Parnell expressa em *Outlaw Platoon* difere em vários pontos da de Bellavia. É de se esperar que, a sua posição como um *CO* e *platoon leader* seja hierarquicamente mais elevada. Vejamos onde elas diferem e de que maneira Parnell se relaciona com seu pelotão.

De início, Sean Parnell descreve como os líderes de seu pelotão o recebem dentro da unidade: (2012, p.31) “*They had me pinned down, tied me to a stretcher, and scrawled “CHERRY” on my forehead with a Sharpie. In triumph, they carried me to the colonel’s outhouse and left me propped against it.*”³⁰ Essa atitude perante ao novo líder é interessante principalmente por ser uma espécie de ritual de passagem. Essa recepção não temo objetivo de desrespeitar Parnell. O tenente reage bem a ação de seus *NCOs* segundo sua descrição. *Staff Sergeant Baldwin*, descrito pelo autor como a voz de sabedoria do pelotão, deixa sua posição perante a seu novo comandante clara quando na sequência ele fala (PARNELL, 2012, p.31) “*Lieutenant Parnell, you are a member of this platoon now. Don’t fuck it up.*”³¹

Essa diálogo entre *Baldwin* e Parnell é um bom representativo tanto da experiência do *section leader*, como da posição que *Parnell* vem a ocupar. O tenente, a partir daquele momento se torna parte do pelotão, significando que, antes de se preocupar com vencer, ele deve se preocupar em não cometer erros. A pressão em ci-

³⁰PARNELL, Sean; BRUNING, John. **Outlaw Platoon: Heroes, Renegades, Infidels, and the Brotherhood of War in Afghanistan.** New York: Harper Collins Publishers, 2012. p. 31 Tradução livre do autor: “Eles me tinham preso, me amarraram a uma maca e escreveram “Cereja” na minha testa com um marcador. Em triunfo, eles me carregaram para a casa do coronel e me deixaram apoiado contra ela.”

³¹PARNELL, Sean; BRUNING, John. *Op.Cit.*p.31. Tradução livre do autor: “Tenente Parnell, você é um membro desse pelotão. Não acabe com tudo.”

ma das decisões que serão tomadas é um fator essencial, muito bem descrito por Parnell.

Quando nos debruçamos sobre o processo de decisões de Parnell, notamos que ele descreve regularmente seus pensamentos sobre a maneira como um líder deve se portar diante de seus homens para isso, o autor faz referência a líderes da antiguidade³², mas ele possui muito clara a ideia de que ele deve conquistar a sua posição na liderança, em suas palavras:

You cannot lead man who are unwilling to be led. You must inspire them to give you the power to do so. The power comes only from their minds, their hearts, not from discipline or devotion to army regulations. When death lurks, nothing else matters but that bond of trust, or lack thereof, between soldier and leader. (PARNELL, 2012, p.89)³³

No momento na qual essa citação se insere, Parnell se encontra em uma disputa interna, ele já se colocou em movimento e perigo mostrando uma atitude de liderança por exemplo, e espera pela reação de *Baldwin* quanto a sua decisão.

Essa citação trabalha diretamente com a questão central dessa monografia, a começar por que o CO em questão faz referência direta a maneira como ele acredita acontecer o processo de liderança, assim como a maneira como ele deve se portar junto a seus homens. Fica claro que ele não pode se apoiar no seu título como líder do pelotão ou tenente e ele acredita que nenhum desses pontos pode ajudá-lo nessa situação. A questão institucional apenas define a sua função de liderar, e não o seu poder na relação com seus soldados para isso.

A consciência de Parnell de que, ele depende da relação já construída até então com seus homens, é a parte mais interessante dessa questão. Lembrando sempre que o livro foi escrito sob a luz de todas as suas experiências, em um período posterior a esses eventos, sabemos que ele poderia não ter conhecimento dessa necessidade no momento. Mas, posteriormente, ele tem a consciência de que sua relação com *Baldwin* era essencial para cumprir sua função como líder.

³²PARNELL, Sean; BRUNING, John. **Outlaw Platoon: Heroes, Renegades, Infidels, and the Brotherhood of War in Afghanistan**. New York: Harper Collins Publishers, 2012. p. 89. Sean Parnell faz referência a descrição do rei Leonidas de Esparta por Xeones.

³³PARNELL, Sean; BRUNING, John. *Op.Cit.* p.89. Tradução livre do autor: "Você não pode liderar homens que não desejam ser liderados. Você deve inspira-los a lhe dar o poder para fazê-lo. O poder vem apenas de suas mentes, seus corações, não pela disciplina ou pela devoção aos regulamento do exército. Quando a morte está próxima, nada mais importa a não ser aquele vínculo de confiança, ou a falta disso, entre um soldado e seu líder.

Dentro desse mesmo combate, Parnell descreve o seu *platoon sergeant* *Sergeant First Class Greg Greeson*:

Greeson had been in every shithole post the army can send a NCO career to. Before I graduated from grade school, he had already earned his first CIB while fighting with the 7th Infantry Division in Panama. His face was furrowed from decades of hard living-he drank hard and smoked three packs of cigarettes a day. He'd seen everything more than once, and his icy calm in the midst of chaos had made him a hero to the company's young privates (PARNELL, 2012, p.99)³⁴

Greeson, assim como Cantrell, é um exemplo para os soldados sob sua liderança. Suas características principais giram em torno da sua experiência em ação. A postura de Greeson não só inspira autoridade pela sua posição como veterano, que é legitimadora por si mesma, mas também pela sua calma em combate, contrastando com Cantrell e Parnell. O *platoon sergeant* não só serve de modelo para os subordinados, mas também é a primeira pessoa que Parnell procura para ajudá-lo nas decisões.³⁵

Por fim, com a leitura de *Outlaw Platoon*, é possível notar que não só a relação acontece entre os *NCOs* e seus *COs* correspondentes, mas em toda a hierarquia do *Army*. É necessário aqui salientar a relação de Parnell com seu Capitão comandante da Companhia, *Captain Dye*, em seu ponto culminante da relação:

Captain Dye Passed the test.

I tossed the handset away, grabbed a bottle of water, and chugged it down. Silently, I thanked Lieutenant Colonel Tone for sending us a commander who thought of us first. (PARNELL, 2012, p. 97)³⁶

A postura de Parnell na sua relação com seu comandante é notável nessa parte. É proposto ao seu superior um teste de liderança que é constituído pela preocupação com o bem estar de seus subordinados em combate e levando em consideração no processo de tomada de decisão. Esse teste do primeiro combate portanto,

³⁴PARNELL, Sean; BRUNING, John. **Outlaw Platoon: Heroes, Renegades, Infidels, and the Brotherhood of War in Afghanistan**. New York: Harper Collins Publishers, 2012. p. 99. Tradução livre do autor: "Greeson já havia estado em todo péssimo posto que o *Army* pode mandar em uma carreira de *NCO*. Antes da minha graduação na escola primária, ele já havia conseguido seu primeiro *CIB* enquanto lutava com a 7ª Divisão de Infantaria no Panamá. Sua face era sulcada pelas décadas de vida dura - ele bebia fortemente e fumava três maços de cigarro por dia. Ele já havia visto tudo mais de uma vez, e sua calma fria em meio ao caos havia feito dele um herói para os jovens soldados da companhia."

³⁵PARNELL, Sean; BRUNING, John. *Op.Cit.* p.191. Exemplo de pedido de conselho por parte de Parnell para Greeson.

³⁶ PARNELL, Sean; BRUNING, John. *Op.Cit.* p.97 Tradução livre do autor: "Capitão Dye passou no teste. Eu lancei o rádio para longe, peguei a garrafa d'água e a bebi. Silenciosamente, eu agradei o Tenente Coronel Tone por nos mandar um comandante que pensasse em nós antes."

se reflete em todos os níveis da hierarquia, desde o *Squad Leader* até o *Company Commander*.

Após observar a relação das hierarquias do *Army* institucionalmente, através do manual FM3-21.8, e nas vozes das fontes, tanto em *Outlaw Platoon*, quanto em *House to House*, é possível perceber que as propostas de Holmes e Marshall sobre o assunto combinam com os argumentos expressados pelas fontes. Todos os autores trabalhados concordam que a liderança, mesmo em tempos e guerra, protegida pela instituição dos exércitos, depende de uma relação tênue entre o líder e seus subordinados.

A obra de David Bellavia revela que as relações entre os COs e seus subordinados não podem ser sustentadas somente no âmbito institucional e que esses fatores são intensificados na infantaria, onde a relação institucional é enfraquecida devido aos perigos e adversidades enfrentadas pelos infanters. Caso o líder não se exponha aos mesmos riscos e se não posicione ao lado de seus subordinados, suas ações em combate serão julgadas e suas decisões poderão ser negadas.

Em apoio a essa visão, Parnell aumenta a análise, revelando que essa relação não acontece unicamente entre os COs e NCOs. Seja no corpo de NCOs ou nas relações internas entre os COs, todos os níveis das hierarquias competem em relações pessoais e provas de valor como meio de afirmar sua presença autoritária no campo de batalha.

Portanto, o manual da infantaria do *Army* propõe uma organização hierárquica e institucional, e ele parte de um preceito que foi confirmado durante a análise de fontes. É essencial que para o bom funcionamento de uma unidade de infantaria em combate as relações pessoais estabelecidas entre os líderes e seus subordinados sejam bem embasadas e foquem na liderança por exemplo. Para tanto, é necessário que os líderes, sejam eles COs ou NCOs, se exponham as mesmas adversidades que seus soldados e empreendam um esforço na tentativa de conquistar sua posição na liderança.

7 CONCLUSÃO

Chegamos então ao fim dessa monografia. Com ela foi possível avaliar que, não só, é possível estudar a guerra com recortes diferentes que adentram sua complexidade, mas também estudar assuntos recentes como os conflitos travados pelas forças da Coalisção no oriente médio nas primeiras décadas do século XXI.

Observamos durante a pesquisa que mesmo sob as circunstâncias de um mundo globalizado, com acesso a armas de última geração e poder de fogo incomparável, o *Army*, e as forças armadas americanas, deparou-se com as mesmas dificuldades que qualquer guerra anterior trazia.

Uma nova face da guerra existiu nesses conflitos, sem dúvida. Uma guerra preparada para combater a superpotência americana, uma guerra não convencional, cheia de armadilhas e emboscadas, feita por um inimigo evasivo, bem treinado e equipado, que se mistura com a população. Essa nova guerra os grandes exércitos não sabem ganhar, seus tanques são pouco efetivos, não existem alvos para bombardeios estratégicos e não se sabe exatamente quem é o inimigo, para que se possa estudá-lo.

Se tivéssemos nos atido a superfície e as propagandas sobre tecnologias militares não seria nunca possível compreender por que essas duas guerras se estendem por tanto tempo. Essa pesquisa mostrou que as tropas que estão no chão, encarando explosivos diariamente, se deparam com os mesmos problemas de seus antepassados.

A morte, as doenças, a destruição da integridade mental, a depressão, o estresse de combate, as relações pessoais – sejam elas boas ou ruins, os problemas de autoridade, a desumanização dos inimigos, o perigo constante, o tédio, a solidão e a sujeira estarão sempre presentes no universo do infante, mesmo que esse tenha acesso a um *GameBoy* para amenizar o tédio.

You may fly over a land forever; you may bomb it, atomize it, pulverize it, and wipe it clean of life – but if you desire to defend it, protect it, and keep it for civilization, you must do this on the ground, the way the Roman legions

did, by putting your Young men into the mud. (WRIGHT 2012 citado por FEHRENBACH et al., 1994)³⁷

Aqui está a relevância da problemática principal. Para se compreender como as tropas de infantaria se relacionam dentro desse universo, é necessário que se adentre nos níveis mais baixos da hierarquia, que se observe como aqueles que matam e são mortos o fazem, as maneiras como eles são movidos em combate e como eles se relacionam como sujeitos que os mandam para essas situações.

A pesquisa revelou que é necessária uma grande participação dos COs dentro e fora de combate. Todo líder está sob constante avaliação de seus superiores e de seus subordinados. Os primeiros julgam se a missão designada por eles está sendo executada, se o líder de combate tem as capacidades para ganhar a sua fração da guerra. Os segundos julgam a capacidade de liderança de seus superiores para avaliar com que qualidade eles tomam suas decisões. Cada decisão errada por um líder de combate pode resultar no fim da vida de um ou mais soldados.

Portanto, um grande nível de confiança é necessário dentro do combate de infantaria, confiança essa, que só pode ser adquirida pessoalmente, através da relação direta do CO com seus subordinados. Caso o CO falhe na construção dessa autoridade, um título não lhe garantirá sua posição de liderança, “seus subordinados”, os NCOs provavelmente ocuparão seu espaço, independente da institucionalidade desse processo, pois os NCOs, de modo geral, já foram testados. Eles possuem a experiência que os legitima.

³⁷ COL. WRIGHT, Darron. Iraq Full Circle: From Shock and Awe to the Last Combat Patrol in Baghdad and Beyond. FEHRENBACH. Great Britain: Osprey Publishing, 2012. p.12. Tradução livre do autor: “Você pode voar sobre uma terra para sempre; você pode bombardeá-la, atomizá-la, pulverizá-la e pode limpá-la completamente de vida – mas se você deseja defendê-la, protegê-la e mantê-la para a civilização, você terá de fazer isso do chão, da maneira como as legiões romanas fizeram, colocando jovens na lama.”

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas:

BELLAVIA, David; BRUNING, John. **House to house**: An Epic Memoir of War. New York: Pocket Star Books, 2009.

BLEHM, Eric. **The Only Thing Worth Dying For**: How Eleven Green Berets Fought for a New Afghanistan. New York: Harper Perennial, 2010.

COUCH, Dick. **Chosen Soldier**: The Making of a Special Forces Warrior. New York: Three Rivers Press, 2007.

FICK, Nathaniel. **One Bullet Away**: The Making of a Marine Officer. New York: First Mariner Books, 2006.

FREDERICK, Jim. **Black Hearts**: One Platoon's Descent into Madness in Iraq's Triangle of Death. New York: Harmony Books, 2010.

HEADQUARTERS DEPARTMENT OF THE ARMY. **FM 3-21.8 (FM 7-8) The Infantry Rifle Platoon and Squad**. Inglês. Washington DC, 2007. Manual. Disponível em: <https://rdl.train.army.mil/catalog/view/100.ATSC/04183AF4-34EB-47F0-BCEE-29C93432DA49-1274564010088/3-21.8/toc.htm>. Acesso em: 04/12/2013

HOLMES, Richard. **Firing Line**. London: Pimlico, 1994.

MARSHALL, S. L. A. **Homens ou Fogo?**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2003.

MAURER, Kevin. **Gentlemen Bastards**: On the Ground in Afghanistan with America's Elite Special Forces. New York: Barkley Caliber, 2012.

PEGLER, Martin. **Sniper**: A History of the US Marksman. Great Britain: Osprey Publishing, 2007.

PERNELL, Sean; BRUNING, John. **Outlaw Platoon**: Heroes, Renegades, Infidels, and the Brotherhood of War in Afghanistan. New York: Harper Collins Publishers, 2012.

ROLLINS, P. C., & O'CONNOR, J. E. (2008). **Why we fought:** America's wars in film and history. University Press of Kentucky.

ROSENSTONE, R. A. (1995). **Visions of the past:** the challenge of film to our idea of history. . Cambridge: Harvard University Press.

COL. WRIGHT, Darron. **Iraq Full Circle:** From Shock and Awe to the Last Combat Patrol in Baghdad and Beyond. Great Britain: Osprey Publishing, 2012.

WRIGHT, Even. **Generation Kill:** Devil Dogs, Iceman, Captain America, and the new face of American War. New York: Barkley Caliber, 2008.

Referências Audiovisuais:

ALPERT, Jon; O'NEILL, Matthew. **Baghdad ER.** HBO Documentary, 2006

FERGUSON, Charles. **No End In Sight.** Red Envelope Entertainment, 2007

FOULKROD, Patricia. **The Ground Truth:** After the Killing Ends. Plum Pictures; Radioaktive Film, 2006

EPERLEIN, Petra; TUCKER, Micheal. **Gunner Palace.** Nomandos, 2004

JONES, Alex. **911:** The Road To Tyranny. Infowars.com, 2003

PILGER, John. **Breaking the Silence:** Truth and Lies in The War on Terror. Carlton Television, 2003

HETHERINGTON, Tim; JUNGER, Sebastian. **Restrepo.** Outpost Films; Virgil Films & Entertainment, 2010

LEWIS, William. **Beyond Treason.** Bridgestone Media Group; William Lewis Films, 2005

NEWMAN, Aaron. **Iran is not the problem.** Scary Crow Film Co-op, 2008

LOWERY, Alan; PILGER, John. **The War You Don't See.** Dartmouth Films, 2010

